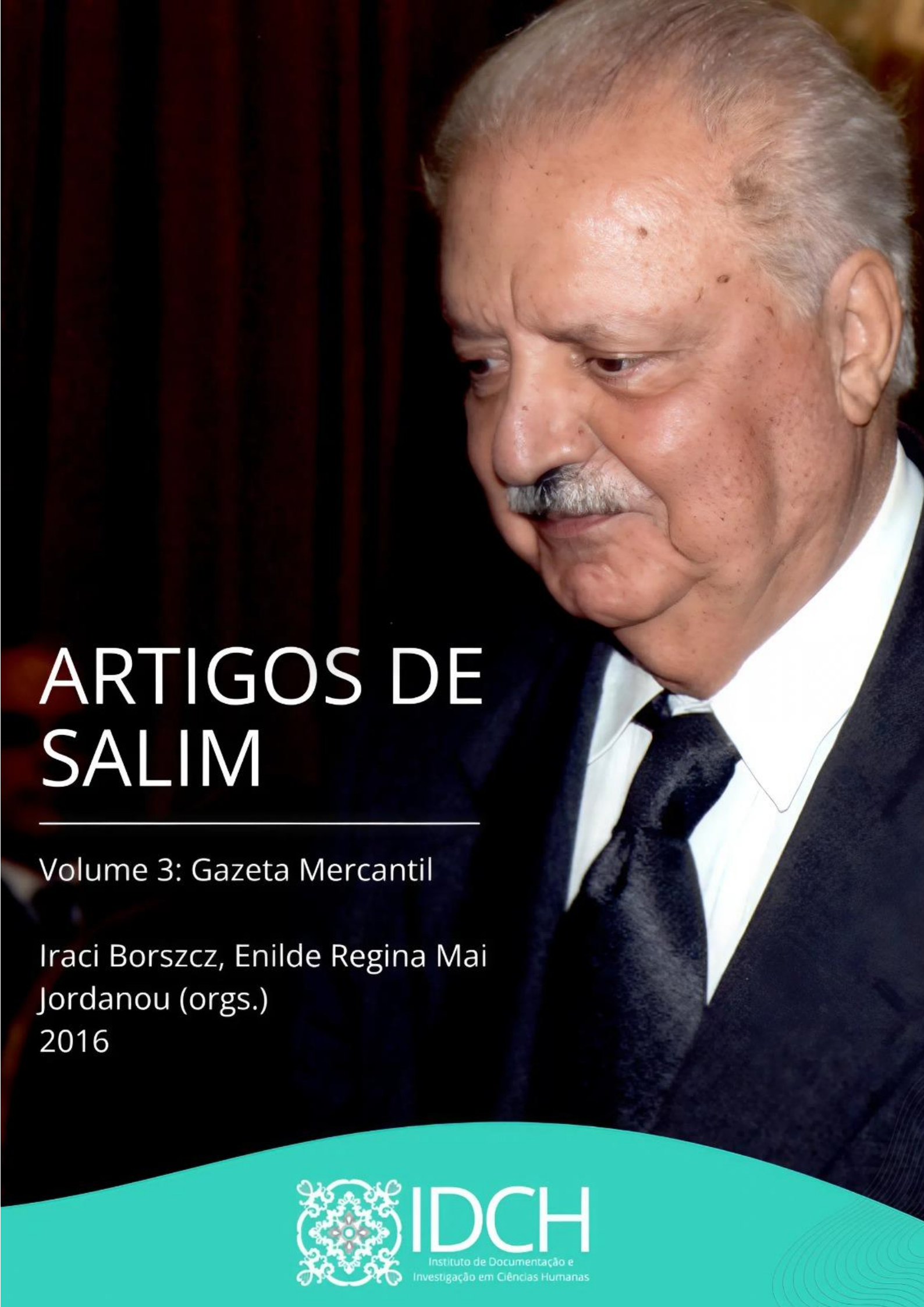


A close-up, slightly angled portrait of an older man with grey hair and a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is looking downwards and to the left. The background is dark and out of focus.

ARTIGOS DE SALIM

Volume 3: Gazeta Mercantil

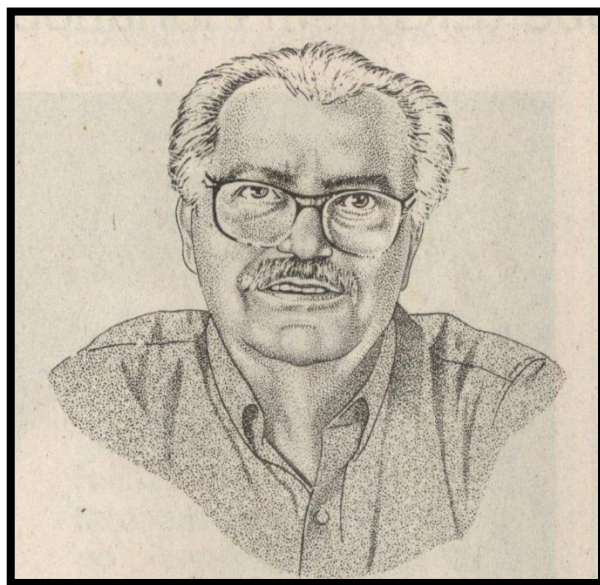
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai
Jordanou (orgs.)
2016



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
ESPAÇO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Salim Assina:
reportagens, matérias, entrevistas, notas
e comentários
Volume: 3 – **Jornal Gazeta Mercantil**

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

SUMÁRIO

001: Um enigma: Cruz e Machado	4
002: De livros e livreiros	5
003: Seqüelas de uma prisão	6
004: Tércio da Gama: explosão de cores	7
005: Nosso morto no Chile	8
006: Três romances: aproximações.....	9
07: Eu e as corruíras	10
008: Biografia e voyeurismo	11
009: Garcia e a paixão da literatura.....	12
010: George, o primo de Washington	13
011: Hoje, 100 anos de Garcia Lorca	14
012: Os vários Senador Perpétuo	15
013: Mais biografias; agora, três governadores	16
014: As amêijoas do Houaiss.....	17
015: A casa no ar e a SC-401.....	18
016: Futebol e trapalhada.....	19
017: Poesia? Sempre!.....	20
018: Um fantasma renitente.....	21
019: Um contista exemplar.....	22
020: Resgate de uma obra	23
021: O filho do Desterro.....	24
022: Reedições necessárias	25
023: Sérgio Carvalho, um herói	26
024: Feira de Livro: um pouso fixo	27
025: Uma miscelânea de publicações de arte	28
026: O MASC é cinqüentão	29
027: Os melhores, vale reler (1)	30
028: Os melhores, vale reler (2.....	31
029: Os melhores, vale reler (final)	32
030: Começa a seleção (1)	33
Índice por ano	34

001: Um enigma: Cruz e Machado

MIGUEL, Salim. Um enigma: Cruz e Machado. *Gazeta Mercantil* 24 de nov. de 1998, p. D-6. Literatura.

Um enigma: Cruz e Machado

Não existe um único registro que indique que os dois escritores tenham se encontrado, correspondido ou feito um ao outro qualquer referência em seus escritos

Salim Miguel
Especial GMSO

No transcurso dos 100 anos da morte do filho do Desterro, uma preocupação, que me acompanha desde sempre, retoma: será que Cruz e Sousa e Machado de Assis nunca se cruzaram? Como e por que não se encontra uma única referência, onde quer que seja, a esse respeito? Se não li tudo, li praticamente tudo destes ou sobre estes que são duas de minhas principais admirações literárias. Tenho examinado, com colegas de profissão e amigos, exaustivamente o fato. Não chego a algo que me satisfaça. Referência explícita inexistente. Pode ser que exista implícita. Mas será, sempre, discutível. Fala-se, por exemplo, em certo trecho de Cruz e Sousa, onde o cantor de Broqueis se refere a um nome importante e que tal "nome importante" é Machado de Assis. Será? Único nome importante, na época, o do autor de Dom Casmurro? Não me parece... Pode ser que já fosse "o mais importante".

Antes de prosseguir, um esclarecimento: fui ler os dois ainda em Biguaçu, aos 10, 12 anos. Machado na livraria do poeta cego João Mendes, começando por contos, um deles "Missa do Galo", do qual não devo ter alcançado toda a dimensão, aquele sensualismo se extraindo por tudo, o jogo da sedução, o insinuar, o dizendo sem dizer, que o bruxo do Cosme Velho dominava como ninguém, e a seguir um dos romances da primeira fase, talvez Helena, talvez Iaiá Garcia. Já Cruz, não tenho certeza se foi lá mesmo, na livraria, onde passava horas, ou em antologia, jornal, almanaque. Sei, sim, que foi um soneto, e qual o soneto, O Assinalado: Eis o primeiro terceto, "Tu és o Poeta, o grande Assinalado, que povoa o mundo despojado, de belezas eternas, pouco a pouco, que me assinalou para sempre."

A propósito, entre os muitos com quem conversei a respeito do tema que me

persegue desde então, estava R. Magalhães Jr., autor de duas substanciais biografias, a de Machado, em quatro volumes, *Vida e Obra de Machado de Assis* e a de Cruz, *Poesia e a Vida de Cruz e Sousa*, ampliada a cada nova edição, esgotada há muito. Durante quase 14 anos traba-



Cruz e Sousa

lhamos, Magalhães e eu, na mesma empresa jornalística, no Rio. Não me satisfizeram as explicações que me dava; continuam não me satisfazendo as que leio, nem as de todos com quem abordo o assunto.

Semelhanças

Vejamos: ambos de um mesmo estrato social, o mulato Machado e o negro puro Cruz; ambos com pouco estudo formal; ambos gostando de utilizar pseudônimos; ambos dominando outros idiomas em busca de alargar conhecimentos; ambos tendo

se iniciado com textos titubeantes. Provocativo, repito que se tivessem ficado nos primeiros textos, seriam mera referência na história da literatura brasileira. Mas não, de repente há um enorme salto qualitativo, impressionante - e lá estão eles entre os nomes

mais importantes de toda a nossa literatura. Quando Cruz e Sousa nasce (1861), Machado de Assis (nascido em 1839) já havia publicado os primeiros textos, em jornais (1855); e "Desencantos" (1861), fantasia dramática. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é de 1881, ano em que Cruz e

Sousa lança, com Virgílio Várzea, o jornalzinho hebdomadário *Colombo*. Em 1888, breve passagem do Poeta pelo Rio de Janeiro, ali conhece seu conterrâneo, também poeta, Luís Delfino, e B. Lopes e Nestor Victor, que tamanha importância teria para a preservação e divulgação de sua obra. Em 1890, Cruz e Sousa muda-se para o Rio; em 1893 saem seus dois primeiros livros (únicos em vida), *Missal* e *Broqueis* e passa a colaborar em publicações como *Revista Ilustrada*, *Folha Popular*, *O Tempo*, que Machado devia conhecer. Será que Cruz nunca leu Machado, nome já amplamente admirado e respeitado? Será que Machado não chegou a tomar conhecimento dos livros de Cruz, que causaram algum impacto? Estranho! Recuando um pouco nestas anotações: se Machado trabalhou como tipógrafo, Cruz foi ponto de compa-

lato. E não só ele, dos que compuseram o primeiro quadro da Academia. De qualquer forma, permanece inexplicado o fato dos dois (Cruz e Machado), residindo em uma cidade (Rio) pequena, jamais tivessem se encontrado na rua, em um café, num teatro, nem tomado conhecimento um do outro.

Pois bem, repito: não existe um único registro que nos indique terem estes dois luminas de nossas letras se cruzado, se correspondido, se feito qualquer referência em seus escritos. E no entanto, há muito a aproximá-los, tanto na luta pela vida, na cor e na pobreza, como na luta para se afirmar como escritores, num meio tacanho e preconceituoso. E aí começa a diferença: enquanto Machado vai alcançando uma situação social de destaque e estável, para Cruz a vida se torna cada vez mais difícil. Pouquíssimos amigos compreendem-no e o apoiam. E se Machado se torna, ainda em vida, o nosso mais importante prosador e chega à presidência da ABL, Cruz, sempre à beira da miséria, mal (re)conhecido, morre de tuberculose em Sítio/MG, aos 37 anos, chega ao Rio, com Gavita,

num vagão de gado, para ser enterrado, recebido por meia-dúzia de amigos.

Apixonado por livro desde sempre, não sou, no entanto, um bibliófilo que fica cavoucando em sebos, lutando por primeiras edições, revirando velhos arquivos, estasiando-me diante de uma

perdida notícia. E uma, ligando Cruz e Machado, seria impactante. Deixo isto para amigos (Iaponan Soares ou Ubiratan Machado), que se não são um José Mindlin, dele se aproximam. Será que Iaponan ou Ubiratan algum dia teriam/terão se preocupado em esclarecer este mistério, que envolve a vida de dois homens com tantos pontos em comum e que parece jamais terem se cruzado, ainda que vissem na mesma cidade durante quase um decênio e atuassem numa área na qual não havia tanta gente assim? A questão, a meu ver, permanece em aberto. E fica aqui o desafio aos desabravadores, neste ano (1998), em que transcorre o centenário da morte do autor de Últimos Sonetos, e nos aproximamos (1999) dos 100 anos da publicação de Dom Casmurro. ■

Há muito a aproximá-los, tanto na luta pela vida, na cor e na pobreza, como na luta para se afirmar como escritores, num meio tacanho e preconceituoso

Exclusão

Há pouco eu disse que Cruz e Sousa passou pelo Rio de Janeiro em 1888. Não se demorou. Mas retornou em 1890, lá permanecendo até o ano de sua morte, 1898. Em 1897 é fundada a Academia Brasileira de Letras. Para preencher as 40 vagas, buscavam-se nomes de alguma expressão. Ninguém terá pensado em Cruz e Sousa, com dois livros publicados num mesmo ano (1883), que provocaram polêmica? Continuava colaborando na imprensa, começava a ser considerado o introdutor do simbolismo. Teria isso motivado a exclusão? Ou o ser negro? Mas o próprio presidente da ABL era mu-

002: De livros e livreiros

MIGUEL, Salim. De livros e livreiros. *Gazeta Mercantil*, 10 de jul. de 1998, p. D-6. Crônica.

De livros e livreiros

Salim Miguel

Livreiro durante anos (parte da década de 50), sempre me interessei por escritos que relatassem a experiência de vida do lado de dentro de um balcão. Poucos os títulos existentes. Reli dois: Balcão de livraria, de Herbert Caro, edição do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura/RJ-1960, e Memórias de um librero, de Héctor Yáno-ver, librero estabelecido, conforme se apresenta na capa do livro, 2a. edición corregida y aumentada, Mairena-Ediciones de la Flor, Buenos Aires, 1986.

Ambos possuem passagens muito curiosas, não apenas para os viciados em livro, (vício para o qual, felizmente, não existe antídoto), como também para qualquer tipo de leitor. Antes de falar deles e neles, e de incidentes ocorridos comigo, vou me deter em outros gêneros do produto livro. Destaco alguns títulos, entre tantos, que me parecem paradigmáticos em seus respectivos setores. Por exemplo, A construção do livro, de Emanuel Araújo, abrangente e informativo; ou O livro, de Douglas C. McMartrie; ainda A revolução do livro, de Robert Escarpit.

No respeitante ao nosso País, um título indispensável é O livro no Brasil, de Lawrence Hallowell. Indispensável, também, Uma história da leitura, de Alberto Manguel. Já em área paralela temos Guia para editoração de livros, de Datus C. Smith Jr. e Editoração hoje, de Antonio Houaiss e outros.

Poderia demorar-me nesta relação. O espaço não permite. Citarei, de passagem, ainda uns poucos: O autor e seu editor, de Sigfried Unseld, que

fala de um relacionamento muitas vezes conflituoso; A biblioteca imaginária, de João Alexandre Barbosa - e quantas variações possibilita; O cânone ocidental, de Harold Bloom, com títulos que podem, dependendo do gosto, ser subtraídos ou acrescentados. Mais dois, que se completam: O bibliófilo aprendiz, de Rubem Borba de Norais, e Uma vida entre livros, de José Mindlin. Este mereceria um texto à parte. Quem sabe outro dia.

Retomo o fio da meada, bem lá de cima. Dizia que fui livreiro durante anos. Será bom acrescentar: já fora sócio de gráfica e de distribuidora. Escrevi/escrevo livros e sobre livros. Trabalhei em editoras.

Limito-me a contar-revelar historinhas. A primeira deve ter acontecido, também, com outros livreiros: certo dia, vi um freqüentador da livraria esperar o momento adequado e se apoderar de determinado livro, escondendo-o, sei lá, sob o paletó, em pasta, no meio de jornal ou revista. Que fazer? Eu não fiz nada. Acontece que, além de freqüentador, era conhecido e amigo. Adquiria, com regularidade, livros. O afano seria mero prazer ou compulsão. Não tenho como afirmar. Até hoje, continuamos amigos. A dúvida que me perseguia é se sabia que eu sabia. Creio que sim.

Outro episódio curioso é o do comprador de tudo que aparecia de livros sobre viagem. Levava-os, lia-os, anotava-os, vinha conversar a respeito. Até que resolveu viajar. Foi em excursão a Salvador. Voltou antes dos companheiros. Apareceu na livraria e não se segurou. Disse: ah, não mesmo. Bom é ler e com-



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

plementar a leitura com a imaginação. Viajo muito melhor. Não agüentei nem a "novidade" nem a "velhice" da cidade, tão louvada.

Fim previsível: acabei passando a livraria adiante. É que pedia às editoras e distribuidoras mais livros que me interessavam do que aqueles que poderia vender aos possíveis compradores. E eles eram bem poucos.

Existem aproximações entre o Balcão de livraria, do Caro, e o Memórias de um librero, do Yáno-ver. Fascinante catar as similitudes e as diferenças. Perdi (ganhei) bom tempo confrontando um e outro livro.

Começo pelo Caro. Diz ele, depois de informar que, toda suspirosa, "um brotinho" entrou na livraria, perguntou: "o senhor tem livros?" Adianta o livreiro, que ficou a "olhar as prateleiras cheias de livros", a espera da nova frase: "Eu queria um livro para o meu namorado". Ela não se decide; irritada, uma amiguinha que a acompanha sugere: "Olha, Te-reza, o Pedrinho já tem um livro. Por que não lhe compras uma gravata?" E antes que o atônito livreiro pudesse retrucar que provavelmente já teria,

também, gravata, "fogem as duas a passo lépido".

Ambos autores dizem ter crescido entre livros. E se Caro é cético com referência a seu negócio, Yáno-ver revela-se mais objetivo e irônico. Anota: "respiro polvo de libros, veo libros en todos los horizontes, tanto que a veces me oigo decir: tal objeto está en el colofon, para indicar el fondo de mi casa, o confundo el living con el prólogo. La librería no está donde está, sino dentro de mí". Assim é - e não só para os livreiros.

No que parece uma contradição em termos, Héctor afirma: "El librero es el ser más consciente de la futilidad del libro, de su importancia". E deste entrecchoque, acrescento, não tem como se libertar. A paixão do livro domina-o. Tem certeza que não está lidando com um produto qualquer.

"Respiro polvo de libros, veo libros en todos los horizontes. La librería no está donde está, sino dentro de mí" Héctor Yáno-ver, em Memórias de un Librero

Falei de pontos de contato entre estes livreiros. Justifico-a com a transcrição de dois trechinhos. Caro: "Desde minha infância lido com livros. Gosto de vê-los enfileirados nas prateleiras; gosto de acariciá-los; gosto até mesmo de lê-los". Yáno-ver: "Sin embargo, desde que entre a trabalhar en mi primera librería jamás he vuelto a enfermarme. De donde deduzco que la librería es el más sano de los negocios."

Enquanto o primeiro entreccho tudo o que tem para dizer, o segundo faz uma falseta com seu leitor. Manipula enigmas sem resolvê-los. Relaciona mais de uma vintena de primeiras linhas de livros básicos, deixando que se quebre a cabeça para identificá-los. Não dá título nem autor. Alguns são fáceis. Este: "Al despertar Gregorio Samsa una mañana, tras un sueño intranquilo..." É de Kafka. Já outros...

003: Seqüelas de uma prisão

MIGUEL, Salim. Seqüelas de uma prisão. *Gazeta Mercantil*, 13 de abr. de 1998, p. D-3.

Seqüelas de uma prisão

Salim Miguel

Tento me debruçar sobre o acontecido, de forma racional. Não posso. Não consigo. Mesmo depois de ter deixado, por escrito, meu depoimento (*Primeiro de Abril – narrativas da cadeia*), me sinto traumatizado, a cicatrização não se completou. Um misto de tensão e ansiedade por vezes me domina. Surge de forma inexplicada. Gaguejo, o raciocínio me foge. Como agora. Preciso me acalmar, dizer-me que tudo passou. Só que tudo não passou. Depois de 34 anos, aqueles 48 dias permanecem, lá no mais fundo de mim, verumando, intranquilizando. Difícil exorcisar o passado.

Fui preso no dia dois de abril de 1964. Até hoje não sei qual seria o momento mais angustiante: o da prisão, no Ponto Chic, centro de Florianópolis, pela manhã, quando tomava café com amigos; pouco depois, ao saber que também minha mulher havia sido presa, deixando sós em casa quatro filhos pequenos; ao saber da queima da livraria, que não

mais era minha, embora continuasse sendo chamada “a livraria do Salim”; ao ser informado que meu contrato de trabalho com o governo do estado havia sido rescindido; ao ver o alojamento, no Quartel da Polícia Militar, Praça Getúlio Vargas, sendo abarrotado de figuras estranhas, provenientes dos mais variados pontos do território catarinense, cada qual com sua versão do acontecido; a madrugada de um dia qualquer de abril, ao ser retirado do alojamento por dois soldados, empurrado para dentro de um jipe que passou a circular pela cidade vazia tentando me desnortear, ao mesmo tempo em que eles iam falando, peça adrede ensaiada, como se eu estivesse ali ou não, até que, perto da ponte Hercílio Luz, um diz para o outro, “qual o impacto de um corpo atirado daqui no mar”, e a resposta, “só atirando pra ver”; no instante em que, no refeitório, me preparando para jantar, entra um oficial e grita meu nome, desatento não ouço, ele repete, alguém me cutuca, “é contigo”, penso no que poderá vir de pior, falava-se em pre-

sos sumidos, embarcados em navios, levados não se sabia para onde, e minha desconfiança ao ouvir o oficial dizer, “prepara-te para ir embora”, e eu, “deixa de troça, me deixa jantar em paz”, e ele, “chegou do Rio telegrama mandando te soltar”, e eu, “que soltar, estão é prendendo mais gente”, e ele, “olha, está aqui”; ao me dirigir a pé para a casa de meu pai, ali perto, na Avenida Rio Branco, batendo na porta, entrando, o susto e a pergunta, “fugiste, é”, e eu, “fugir como, me soltaram”, ele incrédulo; a chegada em casa, no bairro da Agrônômica, choro e risos, todos abraçados me fazendo a mesma pergunta; na primeira caminhada pelas ruas da cidade perceber, de imediato, que Florianópolis jamais voltaria a ser a mesma, algo nocivo se infiltrara no tecido social, um receio latente permeava as relações até entre amigos íntimos e parentes, nítida divisão perpassando tudo e todos, medo e inquietação palpáveis, velhos amigos dobrando esquinas para não me encontrar, desconhecidos fazendo

questão de ir ao mesmo Ponto Chic tomar um cafezinho comigo; ou seria a decisão pelo exílio interno, tendo que deixar Florianópolis em busca de trabalho e para não voltar a ser preso?

Agora, quando o Estado busca minorar a dívida para com os presos, quando a comissão que deve examinar cada caso é nomeada, acredito que nada é capaz de resgatar a angústia daqueles intermináveis dias. Em cada um de nós deixou seqüelas diferentes. Podemos imaginar que absorvemos o pior, esquecemos o sucedido. Mas uma simples faísca faz tudo vir à tona.

De qualquer maneira, o decreto, aprovado pela Assembléia e sancionado pelo governador, por si só já tem uma função didática. Relativa a memória dos mais velhos, atingidos ou não pela ditadura; e leva à nova geração aquilo que não deve ser escamoteado de nossa história, para que não volte a ocorrer. Pode, hoje, até não estar presente no nosso dia-a-dia. Mas seus reflexos maléficos, sim. ■

004: Tércio da Gama: explosão de cores

MIGUEL, Salim. Tércio da Gama: explosão de cores. *Gazeta Mercantil*, 18 e 19 de abr. de 1998, p. D-4. Crônica.

Tércio da Gama: explosão de cores

Salim Miguel*

"Mais cor é impossível", costumava repetir Harry Laus a respeito do artista, o que pode ser comprovado na presente exposição da Galeria do Badesco, que fica aberta até 30 de abril. Ela possibilita uma reflexão sobre a arte de Tércio da Gama, de sua visão peculiar e original sobre o processo de criação. Ao mesmo tempo em que é fiel à sua proposta inicial, busca renovar-se, manter-se atualizado, sem abdicar de suas raízes culturais.

Acompanho Tércio desde os idos de 50. Tenho mesmo, datado de 1958, um de seus primeiros trabalhos. No modesto casario, tão típico de nossa terra, nota-se, por um lado, sua já preocupação com o uso da cor, que balisaria toda a sua carreira como artista plástico, e por outro, uma tênue influência de Volpi, tanto na simplicidade da forma como no cuidado com o detalhe.

Aliás, para ser mais exato, antes do casario tenho, do Tércio, de 1956, outro trabalho, uma charge, onde aparece mais baixo, mais gordo (premonição do artista?), rosto redondo, abraçando meus três primeiros livros. Há também ali a mesma explosão de

cores (hoje infelizmente diluída).

Como podem constatar, acompanho a trajetória do amigo desde seus primórdios. E mesmo durante os anos em que morei fora, sempre que vinha a Florianópolis dele procurava me informar ou com ele me encontrava, interessado em saber o que estava fazendo - e como fazia o que fazia.

Elétrico, seu falar corrido, seu riso solto, sua postura indagativa diante do mundo e dos dilemas do viver ajudam a compor sua figura de artista consciente. Que fez parte do histórico e fundamental GAPF - Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, por onde transitaram, nas artes, os nomes mais significativos daquela geração - e que completa, neste 1998, 40 anos de criação.

Não sou crítico de arte, mas, se não bastasse a frase de mestre Laus, está na hora de justificar o "explosão de cor" do título. Se há uma permanente marca identificadora na obra de Tércio é a utilização da cor. São cores quentes, quase puras, aplicadas na tela em pinceledas fortes, rítmicas, como quem busca recapturar o inteiro sol violento, a plena luz cegante se derramando so-

bre tudo e todos - marcas enfim da nossa terra e do nosso meio. É uma busca constante de seu próprio caminho desbravando, desbravando veredas desconhecidas, lendo, desbravando-se sobre trabalhos dos que o precederam.

A presente exposição de Tércio é temática. Surgiu num jato. Ele se propôs reelaborar sua Florianópolis tão pessoal, com seus mitos, seu folclore, o fantástico que domina mentes e espíritos dos habitantes ilhéus. E, ano do centenário da morte de Cruz e Sousa, lembrou-se de homenagear nosso vate maior, com uma das mais instigantes telas da exposição.

Os que se deslocarem até a galeria, se ainda não lhe conhecem a obra terão uma agradável surpresa: encontrar o artista em plena maturidade. Mas é bom alertá-los: ele é o que lá se encontra e muito mais. Posso ser questionado: em que sentido?

Primeiro, no sentido de que é uma exposição temática, centrada num universo fechado; segundo, o irrequieto Tércio pesquisa, sempre buscando ultrapassar seus limites - o que deve ser a marca primordial do verdadeiro artista, perene insatisfeito com o que realizou, lutando

por realizar mais.

O título "Ilha dos meus amores" é paradigmático. O amor (como a cor) é paixão, explode em tudo que o artista produz. É um amor entranhado pela terra, pelas inusitadas paisagens, pelos hábitos, pelos costumes, pelas tradições, pelas gentes, tudo sublimado numa pletora de cores, que por vezes chegam a nos ofuscar.

Dizia, linhas acima, que a exposição retrata e não retrata a totalidade de mundo do artista. Sim, é bem ele que ali se encontra. Mas só com o conjunto de sua obra poderemos ter uma exata visão de sua rica personalidade. Isso não vai demorar. Tércio nos promete, para breve (setembro?), no MASC, uma retrospectiva. Então poderemos recuperar, com calma, sua caminhada e sua constante procura. Enquanto isso não chega, é bom dar uma passada no Espaço Cultural Fernando Beck, ali na Av. Mauro Ramos. Depois deste sugestivo trailer, é esperar o filme. Deste artista que é, também apaixonado por cinema e quadrista fanático. ■

*Salim Miguel escreve todas as sextas-feiras nesta coluna

005: Nosso morto no Chile

MIGUEL, Salim. Nosso morto no Chile. *Gazeta Mercantil*, 24 de abr. de 1998, p. D-4. Crônica.

Nosso morto no Chile

Salim Miguel*

31 de março de 1998. São decorridos 34 anos do golpe militar. 14h30m. Estou na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Vai começar a sessão dedicada aos presos políticos e em homenagem a Paulo Stuart Wright, ex-deputado estadual, desaparecido e morto. Nele estarão representados todos aqueles com os quais ocorreu o mesmo. Três ex-presos políticos devem se pronunciar.

De repente parece-me ouvir uma voz. Não é alucinação. Essa voz há muito me acompanha. Mais ou menos nítida, some-reaparece. Agora, diante de mim, um vulto quase se corporifica. Intuitivamente sei quem é. E o que quer. Conheço-o vai para 50 anos. Leitor, vamos por parte. Paciência. Recuo para melhor me explicar.

O nome: Wanio José de Mattos. Mais para magro, altura regular, quase imberbe, tímido, sorriso que nunca se completa. A cidade: Florianópolis. O ano: 1948. Como tantos outros jovens, ele busca se situar no mundo. Faz descobertas, necessita se afirmar. Certo dia (Wanio entre eles), jovens se encontram-desencontram na cidadezinha tão bela e tão pasmacenta.

A primeira imagem que hoje me

ressurge é de Wanio, o tímido, no palco, em novembro de 1947, na peça em um ato Um homem sem paisagem, de Ody Fraga, dois personagens apenas. Uma das finalidades: arrecadar recursos que possibilitassem o lançamento de uma revista, o grande sonho. Palco não era a vocação dele. Viabilizada a revista, Wanio se ensaia no conto - ainda titubeante, como os demais. Ai sim. Tinha o que dizer. De repente, Wanio resolve se mudar para um centro maior, em busca de trabalho - e de realização pessoal.

Anos decorrem. Perco-o de vista. Eventualmente chegam vagas notícias: entrara para a Polícia Militar de São Paulo; passou a trabalhar na imprensa da capital - Folha de São Paulo, se não me falha a memória.

1964. Jango é derrubado. Militares tomam o poder. Prisões, boataria, intimidação, fugas, denúncias. Em 1968, o golpe dentro do golpe. O AI-5. O pavor. A tortura. O confronto. Seqüestros, como o do embaixador dos Estados Unidos. A troca de presos políticos pela liberdade do seqüestrado.

Num dado momento, eu já no Rio de Janeiro, a desnordeante notícia: Wanio está no aeroporto, entre outros presos, ia para o exílio em uma das levas. Trocado por não me lembro quem. Indescritível minha sur-

presa. O Wanio! Como? Por quê? De que jeito? Se no heterogêneo grupo de jovens alguns já tinham consciência política, discutindo problemas sociais do Brasil e do mundo, Wanio raro ou quase nunca se manifestava. O que não quer dizer que não tivesse suas idéias. Só não as manifestava.

Acompanhei o noticiário dos meios de comunicação, procurei me informar. Wanio pertencera ao grupo de Lamarca. Foi parar no Chile, como tantos outros. Outra vez o silêncio. Se antes era difícil a comunicação, bem mais agora. Sei que lá começou a trabalhar, aproveitando aquele momento de liberdade no governo Allende.

Vem o golpe de Pinochet, ainda mais violento do que o do Brasil. Wanio vai preso para o estádio de Santiago, no qual se encontram milhares de outros. E aí, num dia qualquer, é morto.

Mais dúvidas vão se amontoando às tantas que já tenho: quanto tempo permaneceu preso; por que logo ele foi selecionado para a morte; o que poderia haver contra ele. Sei que a mulher, uma irmã fizeram gestões no sentido de resgatá-lo ou, pelo menos, preservar-lhe a vida. Naquele momento, com o governo não se interessando pela vida de seus filhos, de nada adiantou. Con-

versei com velhos amigos e conhecidos. Conversei com brasileiros que se refugiaram no Chile. Pouco acrescentaram.

Volto ao 31 de março. Na Assembléia. Quando se fala nos mortos e desaparecidos, quase nunca lembram Wanio José de Mattos. É como se, novamente, fosse escamoteado, não pertencendo ao rol dos catarinenses mortos. É necessário sanar essa falha. Torná-lo presente.

Ao meu lado, estava um ex-presos político, com quem convivi no Quartel da Polícia Militar. Enquanto transcorriam os discursos, falei-lhe no Wanio. Jamais lhe ouvira o nome. Dei, então, sucintas explicações. Ele se surpreendeu. Estranhava nada ter sabido. Terminada a sessão, fiz a outros a mesma pergunta. Idênticas as respostas. O que deve ocorrer com a absoluta maioria da população, talvez até mesmo com pessoas que o conheceram bem e com ele conviveram.

A função dessa também sucinta notícia é resgatar do olvido alguém que tinha um projeto de vida, que, em determinado momento, achou que devia lutar por suas idéias, visando um mundo mais justo e solidário - e por elas morreu. ■

* Salim Miguel escreve sempre às sextas-feiras neste jornal.

006: Três romances: aproximações

MIGUEL, Salim. Três romances: aproximações. *Gazeta Mercantil*, 30 abr. 1998, p. D-4. Crônica.

Três romances: aproximações

Salim Miguel*

Três escritores de Santa Catarina ajudaram a marcar, de forma expressiva, o panorama da ficção brasileira em 1997. São eles: Adolfo Boos Júnior (*Um largo e sete memórias*, editora da UFSC, Florianópolis), Deonísio da Silva (*Teresa*, editora Mandarim, São Paulo) e Godofredo de Oliveira Neto (*Pedra de Santo*, editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro).

Os que me acompanham nesta conversa semanal, e que tenham lido os romances, podem me questionar, considerando temerária a afirmativa - não a importância dos títulos. Justifico-a: a aproximá-los não há só o fato de terem nascido em terras catarinenses. Aparecem, claramente visíveis, outros componentes. A contestação pode continuar: eles se diferenciam na proposta inscrita, no tratamento da linguagem, no estilo. Concordo. O que até é bom. Só que, para além disso existem outros elementos identificadores.

Por exemplo: uma raiz calcada em fatos reais. Por exemplo: a reelaboração de momentos distintos em épocas bem diferenciadas (o século XVI em Deonísio, final do século passado em Boos, o presente, em Godofredo). Por exemplo: a preocupação com sexo. Mais exemplos? Os fatos reais reescritos com inteira liberdade, nada que lembre, nem de longe, o tradicional romance histórico, o que permite diferenciados níveis de leitura.

Boos dá vida a um nome; Deonísio começa com uma linha autobiográfica antes de nos entregar a muito sua Teresa D'Ávila; Godofredo trabalha em cima de referenciais de um episódio recente, ainda sangrando, que deve ser reavaliado sob novas luzes.

Necessários alguns esclarecimentos adicionais. Disse linhas acima que Boos "dá vida a um nome". É isto. Nada se sabia a respeito do tal de Artista Bittencourt, simples rua em Florianópolis. As reduzidíssimas notas diziam que fora remendão e batia-se pela liberdade dos escravos, na modorrenta Desterro. Pois bem. Boos foi à luta e nos entrega um romance complexo, denso, altamente elaborado (mal terminei a leitura me apressei em lhe dizer que Faulkner não titubearia em validar o texto), que nos envolve em sua trama e nos apaixona - da mesma forma que a negrinha Cida, nos seus 17 anos, apaixona seu libertador - e, por que não, seu criador! Dizendo isto, vejo que disse pouco da estruturação do livro, do cuidado com cada palavra, cada frase, cada trecho que se funde ao seguinte de forma harmoniosa.

Esclareço, agora, o "autobiográfico" de Deonísio: ele começa falando do menino que foi, de sua paixão pela professora, depois da internação no Seminário, até o grande salto para o livro que o padre (alter-ego ou existiu?) escreve sobre Teresa D'Ávila. Aí temos a fusão, realizada com extrema pertinência, de dois

mundo, o da Teresa mística e lúbrica, e o do padre, por igual místico e lúbrico. A paixão que Teresa provoca no padre não demora se transfere para o Autor, extrapola da leitura, se espalha por tudo. Deonísio, é bom que se diga, sempre foi exímio em traçar perfis femininos.

Mais próximo de nós o romance de Godofredo. Direta ou indiretamente fomos todos atingidos pelo que nos relata. Refere-se ao golpe militar de 1964 e suas profundas consequências na sociedade brasileira. A trama se passa entre Paris e o Brasil (mais especificamente Rio de Janeiro, Florianópolis, Salvador). Temos um grupo de exilados. Querem vislumbrar uma saída para o impasse de suas vidas. O desenraizamento sufoca-os. Seres das mais diferentes formações, convicções, concepções de vida são obrigadas a conviver. Difícil. A trama centra-se, de modo especial, em dois personagens, um de Florianópolis, outro de Salvador, entre eles a mulher que foi dos dois, a desnorteante vinda para o Brasil a fim de participar de um assalto a banco. Só que a proposta do livro não é simplificadora, aqui o psicológico e o social se fundem, confundem, em meio ao entrechoque de personalidades e o momento que o país atravessa.

Gostaria de enfatizar que nos três romances se recupera esta arte, tão esquecida, que se chama "o prazer da leitura". Ela nada tem a ver com superficialidade. Todos trabalham

com um referencial da terra e das gentes, mesmo quando extrapolam (Deonísio sua Siderópolis, Boos sua Florianópolis, Godofredo, o blumenauense, se apropriando de uma Florianópolis que passa a ser dele).

Outra observação se torna necessária: os três romances são carregados de sexo (não diria de amor), de paixão. Um sexo por vezes mórbido, doentio, que jamais chega a se realizar plenamente. Em Teresa o sexo transita dela para um Cristo humanizado, carnalizado, passa, a seguir, para Juan de la Cruz, até alcançar o Autor, que se impregna daquele misticismo tão carregado de pecado e culpe. Ou não? No artista Bittencourt, é a mocinha sensual que ele salvou da escravidão e que sem perceber (sem querer?) vai moldando a nova fisionomia do homem - daí chegando ao Autor e ao leitor. Por fim temos o florianopolitano Fábio, numa fantástica Ilha impregnando tudo com seus odores, sons, luzes, ruídos, comidas, bebidas, ruelas e becos, praias e paisagens. Mas incapaz de salvá-lo do inoxidável fim, já que a desestruturação de sua personalidade resulta de seu dramático passado de lutas e frustrações e de um futuro que não alcança divisar.

Muito ainda teria a acrescentar. Por enquanto, se para estes livros chamar a atenção me darei por satisfeito. ■

*Salim Miguel, escritor, escreve todas as semanas neste espaço.

07: Eu e as corruíras

MIGUEL, Salim. Eu e as corruíras. *Gazeta Mercantil*, 8 de maio de 1998, p. D-6. Crônica.

Eu e as corruíras

Salim Miguel*

Vai para 15 anos de uma convivência harmoniosa. No primeiro não foi bem assim. Violenta crise quase se instala.

Antes de prosseguir, devo um esclarecimento a respeito. Pequena dúvida me corrói: "as corruíras e eu" não seria mais correto? Explico; desde pequeno me inculcaram que devemos nos colocar, sempre, em último. Assim, por exemplo: Manuel, Pedro e eu. Acontece que, à medida que fui crescendo, passei a me rebelar contra as normas estabelecidas, ditas imutáveis. Cheguei à conclusão de que tudo devemos questionar. Tem mais, no caso: "eu e as corruíras" é eufônico; aquele "e eu" soa mal, quebra o ritmo da frase.

Dito isto, vamos adiante: um ano de crise mais quinze fazem dezesseis. É o tempo que deve ter minha casa na Cachoeira do Bom Jesus (praia), divisa com Ponta das Canas. Passava as férias ali. Como gosto das coisas bem explicadas, vamos ao "passava". É que agora, aposentado, passo quase meio-ano.

Meu presumível leitor já deve estar se perguntando a razão das corruíras no título - se ainda não disse ao que vieram. Mal construída a casa, logo no primeiro ano, elas buscaram refúgio na varanda, fizeram ninho para as crias. Ninho que erguem, no mesmo lugar, a cada ano. Não sendo especialista em cor-

ruíras, nem sei se é sempre o mesmo, passando de umas para as outras. Ou serão as mesmas? Qual a duração de vidas das corruíras? De que maneira se transmitem as informações entre elas? Ilógico que neste tempo todo continue o mesmo casal (é um casal, não tenho dúvidas), que ali habita.

Recuo no tempo, forço a memória, quero recordar a primeira vez em que tomei consciência do fenômeno - sim, porque é um fenômeno!

Eis a cadeirona, um colchão em cima, dois travesseiros. Estirado abro um livro, música ao fundo, logo me perco na leitura. Esqueço-me de tudo, envolto em outro mundo, o qual, embora de ficção, passa a ser mais real. Vou mais longe: nem há necessidade que seja um romance. Pode ser um conto, um poema, um ensaio, um estudo histórico, uma biografia.

Certo dia, de repente, me dou conta do que chamei fenômeno. Sou desviado de meu mundo particular. O livro tomba. Não, não cochilo. Estou atento ao vai-e-vem das corruíras. Com um leve trinado o macho chama a fêmea - ou vice-versa. É que a criazinha tem fome, está reclamando, piou lá do ninho. Não demora um deles, por vezes os dois, acorre em busca de alimento, entram e saem do ninho feito a capricho. Tudo silêncio. Volto pra minha paixão. Não por muito.

Eu quero me concentrar. Em vão.

Me irrita. Reclamo. Chego a sugerir que se destrua o ninho. Por que aquele pássaro tão pequeno, acinzentado, tão insignificante, vem interferir em meu mundo? Por que não o elegante e mavioso canarinho-datelha, conhecido desde priscas eras em Biguaçu? Ou a pombinha-rola, que maciamente desliza pela grama sem me desviar da leitura? O beija-flor com seu bico sequioso por néctar? As andorinhas em bandos? O intrometido pardal? As gaivotas com o agourento piar? O madrugador e incansável bem-te-vi que nos acorda - ou nos avisa da chegada do anoitecer? Mistérios!

Não demora minha rotina se modifica. Mal chego na casa de praia, a primeira preocupação é saber das corruíras. Ao mesmo tempo em que me afastaram de um hábito de quase sessenta anos (a leitura), me provocam, me inquietam. Fico tenso se não diviso, nos interstícios das telhas, o ninho.

Precisava saber mais sobre as corruíras. Fui ao Aurelião. Insatisfatório o pai-dos-burros. Encontrei sucintas informações. Fiquei sabendo que eram conhecidas, também, como garriça, curreca, uirapuru, garrincha, cambaxirra. Ave passeriforme, da família dos trogloditeos, distribuída pelo Brasil e países limítrofes, de coloração parda, frequentada por habitações humanas e se alimenta de insetos, aranhas e outros artrópodes.

Não me bastava. Lembrei-me de uma obra em dois volumes, Ornithologia Brasileira, de Helmut Sick, publicada pela Editora da UnB. Lá, sim, eram quase seis compactas páginas. Que não tenho como transcrever, mas recomendo aos curiosos. Minuciosamente minucioso, começa por identificar a espécie, dando-lhe a morfologia, as manifestações canoras, a alimentação, os hábitos, a reprodução, a distribuição, a evolução, os parasitos e doenças, o folclore e a popularidade.

É pássaro dos mais familiares e comuns em nosso meio. Pardacento, asas e cauda com finas faixas transversais negras, dorso pardo uniforme, lado inferior pardacento-claro ligeiramente rosado. O canto do macho é uma estrofe curta, ininterrupta, de notas altas e ressonantes; a fêmea responde com uma sequência de tons roucos, monótonos. Há uma denominação específica em certas regiões de Santa Catarina: Barattenvogel.

Se o texto me esclareceu mais do que suficientemente, a influência que as corruíras passam a ter na rotina deste ledor inveterado permanece. Hoje me estiro na varanda - e não tenho como me dedicar à minha paixão antes que as bichinhas compareçam.

*Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve neste espaço sempre nas edições de fim-de-semana.

008: Biografia e voyeurismo

MIGUEL, Salim. Biografia e voyeurismo. *Gazeta Mercantil*, 15 de maio de 1998, p. D-6.
Crônica

Biografia e voyeurismo

Salim Miguel

Se na seara das letras há um gênero que nunca está em baixa total é a biografia. E, também, a autobiografia, é bom deixar claro. Ao contrário do conto, da poesia, do romance, do ensaio, que se revezam no favor do público, passando por ciclos mais ou menos estanques. O que pode acontecer com a biografia é uma espécie de limbo temporário. Logo retorna com força. Agora, por exemplo, estamos em plena florescência da biografia. Sobre tudo no que se refere à carreira artística (cantores, atores, compositores, instrumentistas).

Para esta nossa conversa semanal, selecionamos três publicações recentes, entre muitas que se encontram no mercado livreiro. Optamos por três nomes, que têm alguns elementos a aproximá-los: três cariocas, a faixa da música, mais ou menos da mesma geração, que não apenas cantam, mas tiveram participação em outras atividades, que enfrentaram múltiplos problemas até se afirmarem. Duas mulheres, um homem, ele o mais versátil dos três.

Ei-los: Elisete Cardoso, uma vida, de Sérgio Cabral, Lumiar Editora, Rio de Janeiro, 1997; Elza Soares, cantando para não enlouquecer, de José Louzeiro, Editora Globo, Rio de Janeiro, 1997; Mário Lago, boemia e política, de Mônica Velloso, Editora Fundação

Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1997. Os autores: dois jornalistas tarimbados, um deles (Louzeiro) também romancista, o introdutor do romance-reportagem entre nós; o outro (Cabral) com numerosas obras biográficas; e Mônica, uma respeitada historiadora e pesquisadora do CPDOC.

Quais as razões da permanência do gênero biografia? Aventamos uma hipótese: parece-nos que há, no ser humano, um componente voyeurístico. Debruçar-se sobre a vida alheia, vasculhá-la, é um jogo que acompanha a humanidade desde priscas eras. E, no caso das biografias, nem existe a necessidade do tradicional buracinho da fechadura. Todo um amplo horizonte se des-cortina e permite que penetremos na intimidade do biografado e o acompanhamos pari-passu.

Muitas são as afinidades entre duas das três biografias, as de Elisete e Elza, tanto na sofrida infância, na luta pela sobrevivência, como na batalha para se afirmarem e conquistarem um lugar ao sol. Já a trajetória de Mário Lago é diferente. Artista múltiplo, conquistou seu lugar menos trabalhosamente, embora tenha enfrentado outros tipos de problema, graças à sua atividade política.

A biografia de Elisete Cardoso é de linhagem clássica, acompanhando o seu dia-a-dia. Dominando o gênero como poucos, Sérgio

Cabral traça um retrato de corpo inteiro da cantora, desde o comecinho até sua morte. O que se fica conhecendo não é apenas a magistral intérprete, mas, também, o ser humano que soube enfrentar a pobreza e, depois, vitoriosa, apoiou e incentivou outros. No caso do leitor catarinense, das três biografias é a que mais lhe diz, graças ao convívio de Elisete com duas personalidades do campo das artes que se projetaram, embora ambas hoje pouco citadas. Melhor dizendo, um deles praticamente esquecido, o artista plástico Walter Wendhausen. A propósito do disco Elisete sobe o morro, diz Cabral: "E como se não bastassem as belas qualidades da gravação, o disco apresentou a melhor capa já feita para um disco da cantora - uma obra que contou com o talento, o amor e a dedicação de Walter Wendhausen". Já Neide Mariarrosa foi uma daquelas artistas que Elisete apoiou. Depois de ouvir a iniciante, em Florianópolis, (abril de 1963), Elisete, diz Cabral, "resolveu investir na carreira da jovem cantora, levando-a, em 1967, para o Rio, hospedando-a em sua própria casa." A carreira de Neide não deslanchou porque bateu a saudade da terra e ela retornou a Florianópolis.

A vida mais dramática é a de Elza. Casada aos 12 anos, mãe aos 13, viúva aos 21, já com vários filhos, incompreendida em seu sonho

de ser cantora; como se tudo isto não bastasse, quando começava a se afirmar teve um período conturbado (16 anos) em seu relacionamento com Garrincha, o ídolo do futebol. Louzeiro, na estruturação do livro, sem fugir à realidade dos fatos, opta por tomar liberdades de ficcionista. E o enriquece com numerosos depoimentos de personalidades que conviveram com a artista, em diferentes fases de sua vida.

Tarefa mais complexa coube a Mônica Velloso. É que Mário Lago é um e é vários. Para além do boêmio e do político do título, temos o compositor, o cantor, o produtor, o ator com expressiva atuação no rádio, no teatro, no cinema, na TV, em shows. Desde cedo foi, ao mesmo tempo, o boêmio e o político de esquerda que enfrentou prisões em diferentes épocas. Historiadora e pesquisadora, Mônica abre o leque (um pouco mais do que Cabral e Louzeiro) de sua abordagem, inserindo Lago em seu tempo e seu meio. A autora aproveita o engajamento político de Mário Lago para aprofundar sua análise do Brasil e de nossos problemas. E não deixa de traçar um quadro do trágico período ditatorial, com todas as suas consequências.

É ler os três livros e conferir. ■

Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço.

009: Garcia e a paixão da literatura

MIGUEL, Salim. Garcia e a paixão da literatura. *Gazeta Mercantil*, 22 de maio de 1998, p. D-6. Crônica.

Garcia e a paixão da literatura

Salim Miguel*

Tenho o hábito de repetir que comecei a ler antes de aprender a ler. Esclareço: eu lia imagens, fabulava sobre paisagens, fotos, desenhos. De início para mim mesmo; depois, para irmãos e amigos.

Nem bem alfabetizado, passei a ler desbragadamente. Tudo que me caía nas mãos: raros livros, ensabadas revistas, velhos jornais, almanaques, bulas de remédio. Lia até anúncios. Filho de imigrantes pobres, não tinha como comprar livros.

Lá um dia me dei conta: aquela portinha sempre aberta da casa do João Mendes, cego, poeta, livreiro. Fui até ele. Tentei conseguir livros emprestados. Em vão. Acabamos fazendo um trato, já que o poeta cego tinha, por igual, premente necessidade de leitura: durante anos passei horas, todos os dias, lendo em voz alta. Não demora havíamos esgotado o estoque. Modesto, por sinal. João Mendes conseguiu mais, em Florianópolis, com parentes, ou encomendando, em consignação, a livrarias. Muitos e muitos anos depois descobri, em "Uma história da Leitura", que o autor, Alberto Manguel, também lia, na Biblioteca Nacional de Buenos Aires, para um poeta cego, só que este não tinha livraria, era o diretor da biblioteca: nada mais nada menos que Jorge

Luiz Borges. Conclusão: cada leitor necessitado tem o seu poeta (cego?) para quem ler, matando ambos assim a insaciável fome de leitura. No meu caso, isto só foi interrompido quando a família se mudou de Biguaçu para Florianópolis.

Devo ao Mendes o conhecimento de muito do que há de melhor e de pior em literatura. Vacilo diante da expressão "pior". Por exemplo: quanto de emoção me causou um tremendo folhetim como "Buridan, ou Os Mistérios da Torre de Neslé", de Michel Zevaco! Será que "As Dores do Mundo", de Arthur Schopenhauer, lido na mesma época, (10/12 anos), me impressionou tanto? Não creio. Entre os muitos escritores descobertos por aqueles anos lembro Machado, Eça, Cruz e Sousa, Alencar, Camilo, Lima Barreto, Bilac, Castro Alves, Lobato, outros, seletas e antologias; autores estrangeiros como Shakespeare, Tchecov, Balzac, Guiraldes, Madame Dely, Emílio Salgari, Stevenson, Xavier de Montepin, o pai de Tarzan, tudo enfim que aparecia. A triagem é um problema do tempo e de um certo faro para o que é mais válido.

Em meus devaneios, imaginava que o leitor é sempre um autor em embrião. Será que é isto que todos (ou quase todos) viciados em livro pensam? Não é verdade. Conheço leitores só leitores, leitores que sa-

bem ler (é indispensável saber ler) - e se realizam com a leitura. Pois o texto de um escritor só se completa de verdade quando encontra alguém que lhe acrescente sua visão, novos ingredientes que vão para além daquilo que ele pretendeu.

Posso dar exemplos desse tipo desejado de leitor. Limito-me a um. Não. Falo, antes, rapidamente, de dois: Dr. Arthur Pereira e Oliveira e Desembargador Hercílio Medeiros. Aliás, o dr. Arthur não resistindo, se entregou à poesia, onde demonstra seu domínio do verso e sua profunda cultura. Quanto ao Des. Medeiros, chegou a publicar, na revista Sul, um conto, um artigo sobre Eça de Queiroz e a tradução de uma peça em um ato (O Prazer de Romper), de Jules Renard, escritor francês desconhecido, embora tivesse cultores entre nós, (lembro Marques Rebelo). Ao des. Medeiros devo o conhecimento de boa parte da literatura francesa. Era eu sócio de uma pequena livraria; ele ia encomendar livros das principais editoras francesas; eu pensava, se fez a encomenda é porque tem que ser bom. Pedia dois - o que quase leva a livraria à falência. Vamos ao leitor leitor. Que jamais desejou ser outra coisa, embora qualificação não lhe faltasse.

José Paulo Garcia o nome. Resalva: das maiores autoridades em Machado de Assis. No Brasil. Não é exagero. Escreveu, depois de muita

insistência, dois substanciais artigos sobre o bruxo do Cosme Velho, ambos publicados no jornal Roteiro, um deles intitulado Xadrez e Capacidade - Machado de Assis, um exemplo para os enxadristas; Depoimento de um devoto do grande Machadinho, o outro.

Leitor compulsivo, Garcia lê de tudo, discute com extremo conhecimento sobre autores e livros. Mas sua paixão maior e permanente é Machado. Sabe tudo do autor de Dom Casmurro. Esse "tudo" é a pura verdade. Reconsidero: sua paixão maior é Virgília, personagem de Memórias Póstumas de Brás Cubas. E nem sei como a Marta, mulher do Garcia, não tem ciúmes da Virgília, nome tão virginal para uma figura tão dúbia! Será que existe algum estudo sobre a simbologia do nome Virgília? A paixão do meu amigo Garcia é tão alucinada, que já leu/releu vezes sem conta o romance. Mais: se dá ao luxo de reler apenas os trechos em que Virgília aparece.

Toda vez que nos encontramos ou telefonamos, um assunto é leitura. Aí não tem como deixar de surgir Machadinho - e surgindo, surge do lado de Garcia, Virgília, a dúbia, e do meu, Capitu, a dos olhos de resaca.

Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim-de-semana neste espaço.

010: George, o primo de Washington

MIGUEL, Salim. George, o primo de Washington. *Gazeta Mercantil*, 29 de maio de 1998, p. D-6. Crônica.

George, o primo de Washington

Salim Miguel*

Para esclarecer o título necessário recuar até a distante década de 20. E falar de minha família. O intento de meus pais era ir do Líbano para os Estados Unidos. Lá se encontravam irmãos de minha mãe. Mas, maktub, conforme gostava de repetir meu pai, imprevisitos se interpuseram - e a família acabou no Brasil, onde ele tinha uma irmã.

Dou um salto. Estamos na década de 40. Em Florianópolis. Escassos os contatos com os parentes. Lembro, de modo vago, cartas em inglês. E é em 1959 que tomo conhecimento do primo George. Em resposta a carta que meu pai lhe mandou, dizendo que eu gostaria de me corresponder com ele, melhorar meu inglês de colégio, quem sabe receber alguns livros, George declarava ter ficado feliz com as notícias, ia mandar uns livros (mandou), seria bom nos comunicarmos mais e, quem sabe, um dia nos conhecermos.

A correspondência não prosperou. Entre o desejo e a concretização existem imponderáveis. Os contatos só iriam se restabelecer em 1992, quando se realiza, em uma cidadezinha americana, encontro de descendentes da família de minha mãe.

Não tive condições de ir. Mas lá estiveram minha irmã, um irmão, um filho meu. Não demostra, George vem para o Brasil.

Afinal, pode estar se perguntando meu leitor, a que vem

tudo este intróito. Explico. Vamos lá: nascido no Líbano, (Amioun, onde também nasceu minha mãe), George N. Atiyeh formou-se na Universidade Americana de Beirout; a seguir foi para os Estados Unidos, fez seu Ph.D. em línguas e literaturas orientais na Universidade de Chicago (tese sobre Avicenas, ou Ibn Cena). Ficou pelos EUA, lecionou em Porto Rico, acabou chefiando a divisão da Biblioteca do Congresso para a África e o Oriente Médio. Considerado uma das maiores autoridades em cultura árabe, dominando numerosos idiomas, professor e pesquisador, ampliou aquele setor da Biblioteca de 80.000 volumes, em 1967, para 250.000 nos dias atuais. Tendo como base semente por ele lançada, participou da fundação da Universidade de Balamand, no Líbano, no local onde existia um Seminário Islâmico. E lutou pela recuperação de quase dois mil documentos antiquíssimos, da maior importância, que estavam não só se deteriorando, mas sob ameaça de desaparecimento devido à guerra do Líbano. Tais documentos se encontram hoje no Setor Árabe da Biblioteca do Congresso, em Washington. Não se definiu, ainda, se ditos documentos ficarão por lá ou retornarão ao Líbano. Mas isto, como diria Kipling, é outra história. Voltaremos a George: de sua produção salientamos obras como "Ali-Kindi, the philosopher of

the arab"; "Arab and American Culture"; "Arab Civilization - Challenges and Responses"; "Shukri al-Khuri, the story of finyanus", traduzindo do original árabe e com introdução dele. Fica-se assim sabendo que al-Khuri morou no Brasil, onde lançou o primeiro jornal árabe e teve importante papel na aproximação entre Brasil-Líbano.

Por tudo isto, e o mais que o espaço desta nossa conversa semanal não comporta, George N. Atiyeh recebeu, no dia 8 de maio, merecida homenagem, em Washington, (organizada pela Universidade de Balamand), a qual compareceram 350 personalidades de vários países, entre elas os embaixadores do Líbano, da Síria, da Arábia Saudita, dos Emirados Árabes, de Marrocos, da Jordânia, autoridades do governo americano, professores. E, é claro, também do Brasil, minha irmã Hend, representando a família.

Sob a rubrica Focus e o título "A Leading Arab-American: Dr. George N. Atiyeh", a revista ADC Times, de Julho/Agosto, 1992, pág. 10, concluiu assim seu substancial artigo: "A Biblioteca do Congresso e o público americano se beneficiaram incomensuravelmente com os anos da administração do doutor Atiyeh. Por seu conhecimento e cuidado, a riqueza do mundo árabe e a literatura árabe-americana fundamental foram preservadas para as gerações futuras".

Nesta crônica, que com seu

vai-e-vem lembra, não sem justificativa, as "Mil e uma Noites", sou obrigado a retornar, com George ao Brasil. Depois de visitar Rio de Janeiro e São Paulo, de manter contatos de moradamente com a Biblioteca Nacional e a da capital paulista ei-lo em Florianópolis. Aqui, por igual, fez questão de conhecer a Biblioteca Pública do Estado e a Biblioteca Central da UFSC, visando abrir intercâmbio entre as instituições. Não é sem razão que o jornalista Ghada Khouri, em artigo, maio/junho 1998, em "The Washington Report of Midle East", ao analisar a rica personalidade de George, fala de sua paixão por livros e bibliotecas.

Preciso concluir. Não posso, no entanto, fazê-lo sem uma referência pessoal. Dirão alguns: vaidade. Não é bem isto. É o relato de um fato paradigmático. Em uma das nossas conversas (em espanhol, que George e Daisy, a senhora dele, dominam bem, e num inglês que consigo captar, melhor com a ajuda da Eglê), me disse: "Na Biblioteca de São Paulo fui ao computador, puxei Salim Miguel. Encontrei dois livros teus". Aí tirei do bolso e me entregou a lista de meus livros que se encontram na Biblioteca do Congresso, em Washington. Dez.

Nada a acrescentar. Até a próxima semana. ■

*Salim Miguel, escritor, escreve nas edições de fim-de-semana neste espaço

011: Hoje, 100 anos de Garcia Lorca

MIGUEL, Salim. Hoje, 100 anos de Garcia Lorca. *Gazeta Mercantil*, 5 de jun. 1998, p. D-10. Crônica.

Hoje, 100 anos de Garcia Lorca

Salim Miguel*

No transcurso do centenário de nascimento do poeta, o mundo volta a examinar a tragédia que o abateu, quando sua obra só tendia a crescer. Federico Garcia Lorca nasce (em 5 de junho de 1898), na Espanha, no mesmo ano em que morre, no Brasil, outro grande poeta: João da Cruz e Sousa.

Alguns pontos coincidentes existem entre eles: ambos morrem relativamente jovens, com menos de 40 anos, em pleno amadurecimento, da mesma maneira: Garcia Lorca fuzilado (19 agosto 1936), pelos fascistas de Franco, que logo dominaria o país, com mão de ferro, numa ditadura sangüinolenta que durou quase 50 anos; Cruz e Sousa na miséria, tuberculoso.

Mas se existem tais pontos na caminhada de ambos, há uma divergência básica: enquanto Cruz e Sousa luta a vida toda para escapar da miséria e se afirmar como artista e ser humano num mundo preconceituoso, Garcia Lorca, mal estréia logo é reconhecido - e ao ser brutalmente assassinado, deixa uma grande obra poética e dramática, e era, também, admirado dentro e fora de seu país.

Aliás, é bom assinalar, Garcia Lorca não foi, em sua época, na Espanha, um fato isolado. Entre seus contemporâneos estão nomes como Antonio Machado, Rafael Alberti, Vicente Aleixandre, Jorge Guillen, Pedro Salinas, Juan Ramón Jiménez, José Bergamin, Luis



Salim Miguel

Cernuda, na poesia; Damaso Alonso, no ensaísmo; Pablo Picasso e Salvador Dalí, na pintura; Manuel de Falla, na música; Luiz Buñuel, no cinema. Isto para não falar em Margarita Xirgu, a primeira grande intérprete de suas peças. Bom lembrar o excepcional trabalho teatral de La Carreta.

Não apenas na Espanha rapidamente fez nome e se projetou. Seja em suas viagens pela Argentina, Uruguai, Cuba, Estados Unidos, seja pela edição de seus livros e apresentação de suas peças em outros países, em pouco seu nome se firmava como um dos mais representativos de sua geração. E sua trágica morte só fez aumentar esta aura, embora em sua pátria a ditadura tudo fizesse para que fosse esquecido.

Eu já havia lido alguns de seus poemas. Queria mais. De repente fui surpreendido com a chegada de sua obra completa, em oito volumes, publicados pela Editorial Losada, de Buenos Aires, 1952. Era a 12ª edição. A primeira de 1938, dois anos após o assas-

sinato do poeta.

Explico: fins da década de 40 ou inícios de 50, eu havia estabelecido contato com o escritor português Antonio Simões Jr., que fora obrigado a se exilar na Argentina, fugido de seu país devido a outra ditadura, a de Salazar. O entrelaçamento entre pessoas se faz de modo estranho. Em 1948 o escritor Marques Rebelo estivera em Florianópolis, com uma exposição de arte contemporânea e para proferir algumas palestras. Antes de viajar nos deixara o endereço de um poeta (Manuel Pinto), em Portugal, e de outro (Augusto dos Santos Abranches), na África. Foi por intermédio de um deles, não recordo qual, que cheguei ao Antonio Simões Jr.

Passamos a nos corresponder e trocar livros. Forte o movimento editorial argentino, ele ia mandando o que surgia de literatura hispano-americana, não só novos autores; eu lhe mandava o que aparecia no Brasil, ou livros que ele solicitava. De Graciliano, entre outros. Menos Jorge Amado, já traduzido para o espanhol.

Não me recordo de ter pedido ao Simões livros de Garcia Lorca. Também não lhe pedi, por exemplo, Stendhal, embora tivesse falado de minha profunda admiração pelo escritor francês. E lá um dia me chega um volume encadernado com uma criteriosa seleção do autor de O vermelho e o negro. Logo depois, toda a obra de Lorca.

Comecei a leitura e não consegui parar. Seu texto, seja na poesia e/ou na prosa, me fascinava. Discuti-o com amigos

que por igual se iniciavam no maravilhoso caminho da leitura. Os textos não me bastaram. Escrevi ao Simões, pedindo algo sobre Garcia Lorca. Não demora recebi *Persona y creación, de Alfredo de la Guardia*; pouco depois, *El lenguaje poético de Garcia Lorca*, de Jaroslav M. Flys; no Brasil, aparecia Garcia Lorca, de Edgar Cavalheiro. Incorporei outros. Porém, sem dúvida, o mais completo e substancial trabalho, até agora, é Garcia Lorca, uma biografia, de Ian Gibson.

No Brasil, temos uma boa tradução, *Obra poética completa*, de Willian Agel de Mello, Editora Martin Fontes/EdUnB, 1987, onde o tradutor busca captar toda a sensibilidade e a nuançada fraseologia poética do autor de *Romancero gitano* e *Poeta en Nueva York*. Quanto ao teatro, existem numerosas traduções de quase todas as suas peças, que vêm sendo apresentadas pelo país afora. É oportuno assinalar que, já em 1951, era encenada, em Florianópolis, A sapateira prodigiosa, direção de Sálvio de Oliveira.

Garcia Lorca foi assassinado entre Vznar e Alcafar, na sua Granada, em 19 de agosto de 1936. Para Federico serve o que ele disse por ocasião da morte do toureiro Sánchez Megías, em belíssimo poema: *Tardará mucho tiempo en nacer, si es que nace, um andaluz tan claro, tan rico de aventura.* ■

* Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim-de-semana neste espaço

012: Os vários Senador Perpétuo

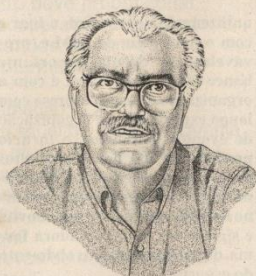
MIGUEL, Salim. Os vários Senador Perpétuo. *Gazeta Mercantil*, 12 de jun. de 1998, p. D-6. Crônica.

Os vários Senador Perpétuo

Salim Miguel*

Não, hoje ainda não o vi. Incrível! Passou da hora. Que terá acontecido? Deve ter ido direto pra Cíloca. Me disseram que ontem foi pra jogatina. Deve ter virado a noite, claro. Em claro, né! Vi ele lá pela noitinha ali na figueira. De tarde esteve no Ponto Chic. Na maior elegância. Passeio completo. Novidade! Me diga quem já viu ele a não ser na maior elegância? No Ponto Chic sempre passa pra assinar o ponto. Afinal é o Senadinho. Ou pra ver o resultado do jogo do bicho. Só do bicho? Saber das novidades da terra. Do mundo.

Desculpem-me este insólito introito. Vamos por partes. Recuo. Começo por esclarecer o título rebarbativo e nada ortodoxo. Talvez os puristas do idioma me questionem, se revoltam, sintam-se chocados. Paciência! O falar popular é mais autêntico do que o dos puristas, filólogos, gramáticos e quejandos. O "errado" da fala corriqueira é o certo, dizia mestre Mário de Andrade. É assim que o quero. Ele se coaduna, em primeiro lugar, com a personalidade... Ah, sim, será preciso explicar a quem me refiro? Não creio. Algumas pessoas já o identificaram. O Murilo Martins, o Cláudio Moraes, o Hamilton Martineilli, a Iara Pedrosa. Não tenho qualquer dúvida que concordam comigo e estão cansados de saber quem é. Os demais que se esforcem. Ou esperem um pouco. Deixemos de lado os que gostariam de se rebelar contra o título e vamos ao que me (nos) interessa: refletir sobre a personalidade do Senador Perpétuo, que não depende de votos, de



Salim Miguel

propinas, de rapapés, de puxa-saquiço, de beija-mão em épocas eleitoreiras, de cachacinhas, de buchadas, de... Acaba de completar, sob aplausos gerais, oitenta anos. Aqui não tenho como fugir a outro lugar comum: bem vividos. E mais, que continue vivendo outros, para deleite de seus amigos. E a ampliação da mitologia sobre esta fantástica e fantasiosa Ilha.

Antes que me contestem: só citei quatro conhecidos. Me desculpo. Poderia ter citado dezenas, centenas, milhares. Dei exemplos evidentes. Que sintetizam os demais. Creio não haver, em nosso meio, quem o desconheça; melhor: desconheça as histórias que a respeito deste ínclito Senador circulam. E se não as confirma, também não as desmente. Ri, sorri, gargalha, cala. Mito, fantasia, realidade, tudo o envolve.

Sendo vários, é sempre o mesmo, igual, seja com as mais altas autoridades ou com os mais humildes trabalhadores, a todos tratando de maneira idêntica. E se numa emergência não titubeia em apelar

para os endinheirados, nunca deixa de ajudar os que necessitam, ainda que tenha que abrir mão do que mal acabou de arrecadar.

Quem não conhece (e adora relatar adicionando pitadinha extra) um de seus causos! Fico num clássico do humor ilhéu: Nosso Senador Perpétuo foi mandado como coletor para um município do norte catarinense. Determinado dia explode a notícia: sumiram os móveis da coletoria. Necessário cobrar (palavra que o Senador detesta) providências. Boatos circulam, se ampliam. O governador (ou seria o secretário da Fazenda?) telegrafa, quer saber o que sucedeu. Rápida e sucinta a resposta: móveis cupim comeu. Fico em dúvida: humor? Verdade? Sou obrigado a citar outro caso: eu me encontrava no senadinho, ali no Ponto Chic; esperava um amigo; quase uma hora depois, nem o amigo nem qualquer outro conhecido. De repente, o salvador Senador. Chego-me a ele e vou logo exclamando: ainda bem que apareceste, que loucura, não passa um único conhecido, onde foi parar a nossa antiga cidade! E ele, com uma frase modelar: será que ainda não te deste conta, esta moleca Floripa cresceu tanto que não tem mais ninguém! Fazemos um movimento para que volte ao que era, tão gostosa.

Falei, no título, em "vários". Deixo à imaginação dos leitores alguns dos vários. Limito-me a um. Paradigmático. 1964. O golpe militar, prisões, boataria, pavor. Tanto podia acabar "em cana" alguém dito envolvido, como resultado de uma simples denúncia. No caso, dentro da visão predominante,

existiam os chamados "motivos". Nosso Senador foi solidário. Escondeu o homem, líder do PCB. Só que era uma cidade pequena, onde todos sabem da vida de todos - o que não se descobre! O Senador foi chamado às falas: logo tu! E ele: eu o quê? Pronta a resposta: deste guarida e fuga... Nem deixou que concluíssem: essa não, vejam só quem sou, minha elegância, meu padrão de vida, olhem meus sapatos engraxados todo dia com engraxate exclusivo, meus ternos sob medida, minhas camisas, minhas meias, minhas gravatas importadas, minhas unhas com manicure particular, minhas mãos macias... Antes que ele pudesse concluir um oficial resolveu gozalo: vais me dizer que as cuecas também, elas são... E o Senador, com tranquilidade e o mesmo ar misto de seriedade e ironia: excelente pergunta, tem razão, ia me esquecendo, são todas feitas sob medida - e por modista especial.

Foi mandado embora com uma advertência. Que e se precavesse. Disse que sim. Mas ajudou o líder que escondera a atravessar a Baía Norte, por mar, até o continente, já ponte e aeroporto haviam sido fechados.

Até hoje, provocado, diz que não se arrepende da ação praticada. E num meio tom, naquele jeito muito dele, esclarece: afinal, eu, o senador Alcides Ferreira, perpétuo, eleito pela unanimidade da população não podia, naquele momento, faltar ao meu povo. ■

* Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

013: Mais biografias; agora, três governadores

MIGUEL, Salim. Mais biografias; agora, três governadores. *Gazeta Mercantil*, 19 de jun. de 1998, p. D-6. Crônica.

Mais biografias; agora, três governadores

Salim Miguel

Há pouco, em uma de nossas conversas, dizia eu que o gênero biografia está, quase sempre, em alta. Procurava me justificar com o fator curiosidade - e exemplificava com três títulos, entre dezenas de lançamentos recentes. Agora, outra vez, vou me debruçar sobre três obras que nos dizem mais de perto. São biografias de governadores catarinenses. Muitos os pontos de contato entre eles: Aderbal Ramos da Silva foi o primeiro governador eleito pelo voto direto depois da ditadura Vargas; Ivo Silveira o último eleito pelo povo depois do golpe militar de 1964. Tem mais: dois são políticos que vão chefiar o poder executivo (Aderbal e Ivo); e o outro (Celso Ramos) é um administrador que se transforma em político. Ainda: dois são aparentados (Aderbal e Celso) e os três (Aderbal, Celso, Ivo) têm raízes no mesmo partido político, o PSD, que foi extinto pelo regime militar, com a criação posterior, artificialmente, da ARENA e do MDB.

Os livros: "Celso Ramos, um perfil político", de Carlos Alberto Silveira Lenzi, Editora Terceiro Milênio, Florianópolis, 1997; "Ivo Silveira, um depoimento", de Moacir Pereira, Editora Insular, Florianópolis, 1998; "Doutor Deba, poder e generosidade", de Luiz Henrique Tancredo, Editora Insular, Florianópolis, 1998. Temos, como autores, dois jornalistas profissionais (Tancredo e Pereira) e um advogado, hoje desembargador (Lenzi), que transitou pela imprensa.

Chegando aqui, fico em dúvida: devo falar do que nos livros se contém, do quadro que traçam; ou de meu conhecimento pessoal com cada uma daquelas personalidades?

Antes, vejamos: a de Aderbal é uma biografia clássica, que acompanha a trajetória do biografado do nascimento à morte e, dentro disso, nos vai dando um painel do estado; a de Celso segue quase a mesma proposta, só que o autor centra-se mais na atividade política da figura estudada; já na de Ivo, o autor se apresenta como "organizador", e estamos diante de uma grande entrevista, com perguntas e respostas, tudo visto através da ótica do entrevistado. Assim, remeto os leitores, que desejarem visitar parcela da história catarinense, aos três livros. Quem viveu tudo aquilo pode acrescentar ou subtrair. Para os demais interessados é continuar na busca. Muito há, ainda, a desvendar.

Tendo conhecido relativamente bem os três governadores, prefiro lembrar episódios.

Começo por Aderbal Ramos da Silva. Jovens iniciavam um movimento cultural que se tornaria conhecido como Grupo Sul. Claro que eram hostilizados pelos medelhões, como só pode acontecer entre gerações. Pois bem, Aderbal abriu as oficinas da Imprensa Oficial do Estado para eles, resistindo a pressões; logo depois viabilizou a vinda do escritor Marques Rebelo a Florianópolis, com a Exposição de Arte Contemporânea, que tamanha polêmica criou e que resultou no Museu de Arte Moder-



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

na de Florianópolis, o primeiro do gênero a ser oficializado no País, atual MASC.

No governo Celso Ramos trabalhei na assessoria de imprensa do Gabinete de Relações Públicas, chefiado por Fúlvio Luis Vieira. Foi uma experiência pioneira num campo que mal se iniciava no País. Celso Ramos, de início, relutava em aceitar a novidade; mais adiante viu que era importante o que se fazia, mostrar, de maneira objetiva, as realizações. "Seu" Celso, na sua aparente dureza, era afável, sem expansões. Um episódio revela sua maneira de ser. Estávamos em Lages. À noite, grupos conversavam. De repente, um madeireiro diz: "estou serrando tantas dúzias de madeira por mês..."; e eu: "tem replantado?"; e o homem: "replantar pra quê, se não vou poder cortar o que plantei?"; e eu: "estas que tem cortado foi o senhor que plantou?" Pano rápido. Na manhã seguinte, fui chamado pelo governador. O homem fora se queixar.

Narrei o acontecido. E "Seu" Celso, naquele jeitão característico: "tudo bem, compreendo, mas se cuide com os meus correligionários, existem verdades que não precisam ser ditas tão às claras". Ficou por isso, embora eu pense que o homem tenha pedido a minha cabeça.

Ivo Silveira, como governador era afável (é afável), de fácil trato. Raras vezes percebi-o tenso. Uma foi no final do governo, já tendo sido escolhido, por via indireta, seu substituto. Encontrei-o no aeroporto Santos Dumont. Sozinho. Cumprimentei-o, perguntei o que fazia. Ele sorriu, disse: "vou procurar uma passagem, tenho reunião em Brasília". Nada mais, embora por seu semblante carregado eu tenha depreendido que ele já era carta fora do baralho, certamente os "puxas" rodeando o governador nomeado. Ivo deve ter enfrentado intrincados problemas de composição quando, eleito depois de uma campanha pesada, uma vez extintos os partidos políticos, ressentimentos ainda à flor da pele, foi obrigado a abrir espaço na administração para os adversários da véspera.

Com estes livros, e mais um que logo estará nas livrarias, tem-se subsídios para a melhor compreensão de meio século da história de Santa Catarina. O que está para sair tratará da vida de Jorge Lacerda, misto de médico, advogado, político, jornalista, animador cultural, que teve sua trajetória subitamente interrompida por um desastre aéreo, na metade do mandato. ■

014: As amêijoas do Houaiss

MIGUEL, Salim. As amêijoas do Houaiss. *Gazeta Mercantil*, 26 de jun. de 1998. p. D-8. Crônica.

As amêijoas do Houaiss

Salim Miguel

Unâнимes as exclamações: que dia lindo; que praia magnífica; que areia tão macia; que água tão calma e tão quente; e aqueles morros lá do outro lado com aquela ilhotazinha ali. Por entre as exclamações, uma pergunta: o mar deve ser piscoso, e ao lado, naquela lagoa, devem existir viveiros de amêijoas.

Era na Cachoeira do Bom Jesus, não mais Canasvieiras, ainda não Ponta das Canas. Sábado. Cedinho. Meia dúzia de pessoas...

Me parece oportuno dar um esclarecimento antes. Estou começando pelo primeiro terço do causo. Recuo.

Início da década de 80. Ano ao certo não lembro. Fácil descobrir. Seria 1982? Quem sabe 81? Ou 83? É só vasculhar papéis antigos. Ver em que ano aconteceu o Concurso Nacional Cruz e Sousa (primeira fase).

Para o que no momento me interessa, de somenos importância. Ou nenhuma.

Divulgado o resultado do concurso, editados os livros, partiu-se para a derradeira fase: entrega dos prêmios e lançamento, em noite de autógrafa, com a presença dos ganhadores, da comissão julgadora, de escritores e jornalistas do País. O que se pretendia com isso? Ao mesmo tempo maior promoção do evento, reflexão sobre nossa literatura, divulgação das coisas da terra. Para tal, a solenidade era numa sexta-feira.



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

Isso possibilitava que os convidados ficassem na cidade até domingo. E que visitassem (ou revisitassem) Florianópolis.

Programa informal. Dividiam-se os convidados - e cada um dos responsáveis pelo projeto se encarregaria de um dos grupos, levando-o a conhecer, de preferência, uma de nossas praias.

No grupo que me coube estavam Laura e Cícero Sandroni, Fausto Cunha, Hélio Pólvora, Mário Pontes, Ruth e Antonio Houaiss. Cedinho apanhei-os no hotel e nos dirigimos para a Cachoeira do Bom Jesus.

A pergunta sobre as amêijoas fora do Houaiss. Gourmet e gourmand (além de tantas outras coisas, entre elas filólogo, escritor, enciclopedista, diplomata, tradutor, papo gostosíssimo, membro da Academia Brasileira de Letras), virou-se para meu lado e repetiu:

amêijoas, sabe, gosta?

Olhei-o em busca do que responder. Fiquei calado. Queria uma explicação. Ele deve ter percebido. Em dúvida, repetiu: amêijoas. E eu: me explica o que são amêijoas? E ele, de pronto: Não sabe? É como em Portugal se chama o berbigão. E eu, meio passado: ah, bem, se pra nós é berbigão, popularmente é bribigão.

Amêijoas, berbigão ou bribigão, Houaiss não se abalou. Repetiu: é quase certo que exista ali um viveiro de amêijoas. Apanhem-nas que preparo, como aperitivo, um prato com elas. Lá fomos nós, "bravos" voluntários, o Mário Pontes e eu, em busca das amêijoas. Pouco demorou voltamos com uma panelona cheia. A essa altura, mestre Houaiss já estava tomando providências na cozinha, com dona Zulma, nossa cozinheira.

Enquanto isso, discutíamos o resultado do concurso, o nível dos trabalhos vencedores, o momento que atravessava a literatura brasileira, e a catarinense, o espaço que se fechava cada vez mais para o produto nacional nos meios de comunicação, as belezas da Ilha, o potencial turístico (desde que não fosse um turismo predatório). E, é claro, como ninguém é de ferro, bebericávamos enquanto se aguardava o prato preparado pelo Houaiss. Curiosos, enfiávamos a cabeça na cozinha.

Não demorou. Beliscamos com suspeição. Foi aprovado. Tinha um sabor estranho, certamente não pelas amêijoas em si, mas pe-

los tantos temperos, pelo toque que Houaiss soubera dar. Em síntese: lembrava-não-lembrava o modesto berbigão.

Dona Zulma, durante o preparo, virava-se para Eglê. Criada à beira da praia, não saiu da cozinha, olhar atento, meio desconfiada. Foi com temor que provou os estranhos bribigões que tão bem conhecia, agora enobrecidos com aquele complicado "amêijoas", e os ainda mais complicados temperos.

Antonio Houaiss insistiu: além da nossa opinião de leigos, queria o "verdictum" de dona Zulma. Que, constrangida, meio sem jeito, foi sucinta: muito bom. Os olhos de Houaiss brilharam. Para ele, tenho certeza, tão importante quanto os elogios que vinha recebendo pela exemplar tradução do *Ulysses*, do Joyce, ou pelas duas enciclopédias que coordenara.

Anoitecia quando retornaram ao hotel. No dia seguinte, dona Zulma procurou minha mulher. Foi menos sucinta: dona Eglê, eu não sabia o que aquele senhor magro, tão distinto, de fala tão estranha, estava pretendendo fazer na cozinha, misturando temperos nunca vistos em prato de berbigão. Pensei que não daria certo. Mas até que o homem sabe das coisas. Gostei mesmo.

Claro que nos apressamos em telefonar para o Houaiss, transmitindo o "aprovo" de dona Zulma, exímia especialista em praticamente tudo que diz respeito a peixes e frutos do mar. ■

015: A casa no ar e a SC-401

MIGUEL, Salim. A casa no ar e a SC-401. *Gazeta Mercantil*, 3 de jul. de 1998, p. D-6. Crônica.

A casa no ar e a SC-401

Salim Miguel

Começo por explicar o título, que pode parecer insólito. Ou é. Neste caso, culpem mestre Drummond. Devo-o a ele. Adaptei, para as necessidades deste texto, o seu Fazendeiro do ar. Talvez as similitudes parem aí. Para o que pretendo, me bastam.

Qual a razão? Simples. Em busca de um título, me lembrei do poeta.

De repente, não mais que de repente, como dizia outro grande poeta (Vinícius de Moraes), moradores aqui da Ilha (boa parte da Ilha), foram surpreendidos: tanto os que tinham um pedacinho de chão herdado de longínquos antepassados, como os que o adquiriram não faz muito, alguns com sacrifício, ninguém tem mais a posse da terra. E as benfeitorias também foram sumariamente perdidas.

De que maneira se deu isto? Quase num passe de mágica. Com mais uma Medida Provisória (outra entre tantas, já são centenas), determinada pelo sociólogo-soberrano do Brasil. A tal medida tomou o número 1.567.

Esclareço o "passe de mágica": desencavaram, lá da Constituição de 1967, um artigo que misturava ilhas oceânicas e costeiras. Por um artifício qualquer (não sou versado em leis), decidiu-se confiscar propriedades em tais ilhas. Pouco importa se a posse é recente ou se vem desde os primórdios, dos tempos dos primeiros colonizadores açorianos.

Existem coisas inexplicáveis. Enquanto os governantes, numa febre privatista, estão se desfazendo

de riquíssimos patrimônios públicos de qualquer maneira, agora resolvem retomar faixas de terra, como se isto viesse solucionar os problemas brasileiros...

Ah, sim, o governo dá uma de bonzinho: oferece vender as ditas terras para seus antigos proprietários. E mais bonzinho ainda, diz que o fará em módicas prestações.

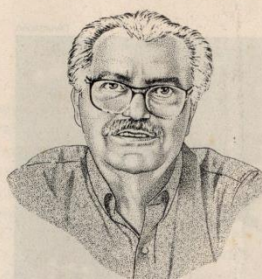
É esta a sugestão do governo: recompre aquilo que já era seu, tenha ele sido adquirido por herança ou comprado. Claro que os pobres e a sacrificada classe média serão os mais atingidos. Isto não afeta os que possuem escritura definitiva, que na maioria deve ser gente de prestígio.

E a casa, se por acaso existe em tais terrenos? Foi aí que me lembrei de mestre Drummond e seu Fazendeiro do ar. Vamos, todos, plantá-las no ar - se é que ainda nos pertencem. Ou vai (vão) passar, com o terreno, por igual, para o governo, e teremos também de comprá-la?

É preciso que se lute para que tal absurdo não seja concretizado. Não é por aí que se resolverão os problemas do desemprego, dos sem-terra, da saúde, da educação e tantos outros.

Voltando a Drummond, isto de fimado da forma que o governo quer, não se terá mais nem o "retrato na parede", pois nem parede existirá.

Falei em "absurdo". De um pulo para outro. A SC-401. Não, não pretendo, aqui, discutir a pertinência do pedágio. Para início de conversa, vamos admitir a medida. Atenção: eu disse "para início de conversa".



O escritor e jornalista Salim Miguel escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

Começemos pela licitação.

Creio que deveriam existir regras claras, a tão falada e tão pouco utilizada "transparência" nas regras do jogo. Para citar um exemplo: a vencedora não deveria comprovar possuir recursos suficientes para a conclusão da obra? Depois: prazos. Depois: acompanhamento continuado pelo órgão responsável do governo estadual (DER). Depois: tudo concluído, mas concluído para valer, não apenas meia-sola. Etc, etc, etc.

Vamos ao item um.

A empreiteira diz que entrou com parte dos recursos. O restante foi emprestado pelo governo. Ora, se o governo emprestou, por que ele mesmo não fez a obra? Ah, e antes que me esqueça: governo não tem dinheiro, o dinheiro é do povo, ressurta de impostos, de taxas, de mais etcéteras, e deve ser convenientemente aplicado em benefício do povo, ouvindo-o.

Adiante. A obra está com um atraso de quase três anos - e bonzinho, o DER vai sempre contemporizando, prorrogando, manejando. Justifica-se tudo isso com uma palavra mágica: turismo.

Agora, fala-se que a obra está concluída, será entregue, e em agosto começa o pedágio. Sim, porque se há uma parte concluída para valer é aquela onde teremos de parar e pagar.

Vamos ao "tudo pronto", conforme se alega: a conclusão não significa a ida da SC-401 até Canasvieiras; acostamento não faz parte da conclusão; os canteiros centrais entre uma pista e outra não fazem parte da conclusão; a sinalização adequada não faz parte da conclusão; desmontes iniciados e interrompidos, com riscos para os usuários, não fazem parte da conclusão; quando serão concluídas tais obras; qual o critério para a escolha do local do pedágio; etc, etc, etc.

Só para concluir, depois de tantas conclusões inconclusivas: o preço da passagem de ônibus será aumentado para compensar as empresas? Ou não? E a já tão sacrificada classe média, vai ter, durante digamos vinte dias, que marchar com dois pedágios (ida-volta), caso trabalhe no centro da cidade? Quanto comerá isto do reduzido salário, que vai para quase quatro anos sem um real de aumento? Ou com um aumento vergonhoso?

São perguntas, entre tantas outras, que poderiam ser arroladas nos dois casos, que continuam em aberto. ■

016: Futebol e trapalhada

MIGUEL, Salim. Futebol e trapalhada. *Gazeta Mercantil*, 17 de jul. de 1998, p. D-6. Crônica.

Futebol e trapalhada

Salim Miguel*

Milhares (ou milhões, sei lá!) de páginas foram impressas em dezenas de idiomas durante a Copa do Mundo. Isto para não falar nas horas e horas de rádio e televisão. Eram informações, palpites, entrevistas, depoimentos, desejos inexpressos, suposições, um torcer absurdo de locutores que deveriam ser (ou parecer) isentos, etc. e etc.

Esperei a conclusão da Copa de 98 para, também eu, por esta coluna, ampliar um tiquinho a quantidade de papel impresso. Sempre me interessei por futebol, joguei durante algum tempo, sou torcedor (vascatino, apesar do Eurico Miranda) que acompanha atentamente jogos e campeonatos.

Agora, terminada a Copa há quase uma semana, me sinto, igual a milhões de outros brasileiros, desorientado e insatisfeito com as explicações - contraditórias, muitas vezes absurdas - que nos vêm sendo dadas. Não quero aqui examinar a convulsão (ou a "amarelidão") de Ronaldinho. Nem penso que todos os motivos da derrota do Brasil na final se limitem a esse fator extracampo - e que só ele influenciou o desempenho de nossos jogadores. A seleção não vinha jogando bem. Ter chegado a final foi um milagre.

A essa altura, não tenho mais como pensar na crônica imaginada: faria um balanço da copa e do resultado final, da atuação do Brasil, de seus pontos positivos e negativos (mais estes do que aqueles), sem um padrão de jogo convincente, sem um esquema tático definido, a maioria

dos jogadores rendendo bem menos do que o esperado (Roberto Carlos, por exemplo), enquanto outros (um Júnior Baiano) eram aquilo que já sabíamos.

O Zagallo conhecemos bem. Pode até ter seus méritos. Mas é o rei da teimosia e carne de pescoço. Quando resolve queimar alguém, queima mesmo. Como gosto sempre de trabalhar com exemplos concretos, vamos a um: Edmundo. É bom separar aqui o Edmundo jogador do Edmundo ser humano instável. Levando-o entre os 22, era ter isto bem claro. E saber aproveitar suas potencialidades, mais do que reconhecidas, de jogador fora de série.

Pois bem, o que fez o técnico, que não se cansou de repetir "vão ter que me engolir!". O que fez? Simplesmente, como devido a pressões teve que incluir o Edmundo entre os 22, resolveu liquidar com o jogador. De que maneira? Mandando-o entrar em campo num jogo sem a menor importância, quando faltavam menos de 20 minutos para terminar, com os demais jogadores visivelmente se poupando. Edmundo entrou querendo provar que tinha lugar entre os titulares. E se afundou, não acertou uma jogada.

Querem outra demonstração de maneira de agir de Zagallo? Geovani. É um jogador importante, dentro de suas características. Pois bem. Entrou na primeira partida da Copa, quando todos os jogadores ainda estão tensos e frios, não tinha função definida e não sabia bem o que fazer em campo. Zagallo substituiu-o por Leonardo e decretou que Geovani não era jogador de seleção,

mas de time. Sempre dentro da filosofia de que "quem sabe e manda sou eu", tentou fazer o mesmo com Denilson. Só que aí se deu mal. Num ato de rebeldia, que o salvou, Denilson resolveu jogar seu jogo meio "garrinchiano" - e desmontou a jogada do técnico. Ainda assim, nunca teve chance de entrar desde o início e demonstrar todo o seu talento.

O Brasil podia sair penta? Podia! Merecia? Aí é outra história. Podia até dar essa alegria à sofrida população. Tinha uma grande equipe entrosada? Não! Tinha valores individuais que poderiam facilmente suprir a falta de padrão de jogo, de conjunto, e decidir uma partida. Aliás, equipe que enchesse os olhos do espectador não havia nenhuma. Não chego a dizer que foi tão sem interesse quanto a que ganhamos em 1994, nos Estados Unidos. Mas nem se aproxima de Copas como a de 1958 ou 1970. A de 1998 teve, sim, revelação de monumentos de futebol inventivo (a Nigéria, que logo se afundaria) ou revelação de jogadores. Destaco dois: Okacha, da Nigéria, e Owen, da Inglaterra. Outros também confirmaram seus nomes: o chileno Salas, o croata Suckler. E do Brasil? Talvez Rivaldo. Quem mais?

Detenho-me aqui. Penso: qual a contribuição dessa Copa, como um momento importante do esporte? Quem sabe o fato da vitória da França, com uma seleção que não era lá essas coisas, mas que, pelo menos comprovou a capacidade de integração e de união. Integração porque nela coexistem franceses de diferentes origens; união, porque o técnico

tinha consciência da fragilidade de sua equipe e soube lhe dar um padrão de jogo, baseando-se numa defesa bastante sólida (só tomou dois gols) e num ataque inexistente - que ainda assim foi o mais positivo da Copa, com 15 gols.

Para concluir estas mal traçadas linhas, conforme se dizia em priscas eras:

1 - acompanho as Copas desde a malfadada de 1950. E sinto saudades das transmissões pelas emissoras de rádio, onde os locutores se esbaldavam berrando jogadas fantásticas, que nós completávamos pela imaginação, elaborando tramas fabulosas. É bobagem negar a TV. Mas qual a necessidade dos chatérrimos galvões buenos de hoje, que não aceitam que vejamos os lances que estão diante de nossos olhos, mas os que querem impingir:

2 - será que algum dia o mistério se esclarecerá e chegaremos a saber a verdade verdadeira do que ocorreu com a seleção brasileira? Foram pressões estranhas que forçaram a entrada de Ronaldinho? Compromissos com patrocinadores? A Nike? A equipe já havia ido até o seu limite máximo ou até além dele? E antes que me esqueça: alguém que tenha acompanhado com isenção a Copa concorda com a inclusão de quatro jogadores brasileiros entre os melhores? Ou também seriam as tais pressões? Rivaldo, bem. Dunga pela garra, vá lá! Roberto Carlos e Ronaldinho, façam-me o favor! ■

*Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

017: Poesia? Sempre!

MIGUEL, Salim. Poesia? Sempre! *Gazeta Mercantil*, 24 de jul. de 1998, p. D-6. Crônica.

Poesia? Sempre!

Salim Miguel

Se os consumidores de poesia não são muitos (embora ela possua um público fiel), o espaço que lhe é reservado continua. E é truismo repetir que a poesia está em tudo. Mas aí já enveredaríamos por outra seara. Vamos nos ater àquela que nos momento no interessa.

Ainda agora, aproveitando o gancho que o recente número de Poesia Sempre oferece, podemos constatar a existência de várias publicações periódicas, inteiramente dedicadas à poesia, ou que não a esquecem.

Entre as primeiras, isto é, que só tratam de poesia e de textos sobre poesia, estão: Dimensão, editor Guido Bilharinho, de Uberaba (MG), já no oitavo ano; Revista de Poesia e Crítica, dirigida por José Jézer de Oliveira e com um Conselho Diretor formado por Afrânio Zuccolotto, Cyro Pimentel, Domingos Carvalho da Silva, Waldemar Lopes, de Brasília (DF), já em seu décimo ano; Infinito Rumor, da Sete Letras, Rio de Janeiro (RJ); Azougue, editor Sérgio Cohn, São Paulo (SP), que em seu último número incluiu uma substancial entrevista e um caderno de poemas do nosso Rodrigo de Haro, ilustrado pelo próprio; Gárgula, editada por Antonio Máximo Ferraz, Fernando Mendes Vianna, Herbert Amaral Correa, Manuel Morillo Caballero, Brasília (DF), já no primeiro número dizendo ao que veio: além de ponte entre poetas brasileiros, servir de elo com poetas de outros países, em especial Portugal e Espanha, onde foi lançada com a presença de dois de seus

editores, Ferraz e Vianna. Aqui é bom um adendo: aproveitando os 100 anos da morte de Cruz e Sousa, Vianna, um estudioso da obra de nosso poeta, fez palestras e divulgou a obra do autor de Últimos Sonetos, por onde passou.

Se Cult (SP), diretor Paulo Lemos, editor Manuel da Costa Pinto, não é só de poesia, não a esquece. E em seu número oito reservou bom espaço para, também, incluir um substancial dossiê sobre Cruz e Sousa. Outra revista dedicada às letras, com páginas para o fazer poético, é Blau, de Porto Alegre (RS), que se mantém graças ao peritaz esforço de seu editor Walmor Santos, prevenindo no editorial do número 21, que diante dos problemas enfrentados e da falta de apoio, pode sair de circulação.

Por certo, outras revistas, das quais não temos conhecimento, devem circular, graças ao esforço de abnegados, por estes brasis afora. Sem esquecer o espaço para a poesia.

Nesta conversa, queremos nos deter em mais três publicações, duas revista e um livro. Começamos por uma revista. Em seu número nove, ano seis, Poesia Sempre, publicação semestral da Fundação Biblioteca Nacional (RJ), tendo agora como editor geral Antonio Carlos Secchin e como editor executivo Ivan Junqueira, continua, conforme expresso em seu editorial, "fiel à proposta que lançou no número anterior". E faz uma seleção criteriosa de poetas de fala inglesa, sejam eles da Inglaterra, da Irlanda, da Escócia, do País de Gales, apresentados no original e em tradução por alguns de nossos principais tradutores.



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

Mas não é só de poesia inglesa que se compõe este número de Poesia Sempre com quase 500 páginas. Lá estão: Poesia brasileira contemporânea; Ensaios; Vária; Depoimento; Poesia traduzida; Em questão: Souzaandrade; Poesia revista; Resenhas. E a instigante e rica entrevista com Ferreira Gullar. A alta qualidade de Poesia Sempre motiva algumas questões: 1- A distribuição inexistente (brincando, eu disse para ama das editoras adjuntas, Suzana Vargas: "fica muito dispendioso pegar um avião e ir ao Rio adquirir a revista"); 2- Com a extensão territorial do Brasil, talvez fosse viável dedicar dossiês a estados ou regiões, num mapeamento de nossa poesia. Por exemplo, puxando para a minha banda, um sobre Santa Catarina ou os três estados do Sul; 3- Onde ficam os ficcionistas? Não seria lógico que a Fundação Biblioteca Nacional pensasse também em uma revista semestral para a área? Afinal, a cada dia mais o espaço se

fecha para os novos. E menos novos.

Mas não só de publicações periódicas vive a poesia. Desde 1994, o incansável Assis Brasil vem realizando um trabalho memorável, com suas Antologias. Unindo conhecimento e competência, o escritor traça um quadro abrangente da produção poética dos estados brasileiros. Ele situa os poetas em ordem cronológica. De cada qual, ao lado de síntese biográfica, relaciona as obras publicadas (poesia), dá uma pequena notícia crítica e transcreve poemas que lhe parecem mais significativos. Já foram editados: Maranhão, Piauí, Ceará, Goiás, Amazonas, Sergipe.

O recém-lançado Fluminense (RJ) começa com Machado de Assis (morto em 1908) e vem até Alberto Pucheu (nascido em 1966). Claro que, para tal trabalho de pesquisa, de seleção, de organização, há necessidade de apoio. Será que o estado de Santa Catarina não tem o que mostrar na área da poesia? O recente volume de ensaios de Antonio Hohlfeldt prova que tem...

Deixei, de propósito, para o fim, uma referência à revista Continente Sul/Sur, editada por João Carlos Tiburski, do IEL/RS, que tem a direção o contista Arnaldo Campos. Esta revista, com características peculiares, buscando uma integração mais do que necessária com os vizinhos países hispânicos, dedica o número nove a Cruz e Sousa, cujo centenário de morte transcorre este ano. É um número monográfico, mais de 300 páginas, fartamente ilustrado, com estudos que possibilitam novas leituras de um poeta que não se esgota com quantas diferenciadas leituras dele façamos. ■

018: Um fantasma renitente

MIGUEL, Salim. Um fantasma renitente. *Gazeta Mercantil*, 31 de jul. de 1998, p. D-6. Crônica.

Um fantasma renitente

Salim Miguel

Zeca Pires, neste mesmo GZ-MS (‘Em busca da nossa memória cinematográfica’, 19-06-98), levanta a história do cinema catarinense, a partir de seus primórdios. Talvez retorne ao tema. Antes dele, vou invadir uma seara por onde transitei durante bom tempo.

Embora realizado há exatos 40 anos, *O Preço da Ilusão*, primeiro longa metragem da história do cinema de Santa Catarina, teima em se manter presente e perseguir as pessoas. O colunista, autor do argumento, com sua mulher Eglê Malheiros, e do roteiro, de ambos com a colaboração de E.M. Santos, por exemplo, é uma dessas pessoas. Foi uma experiência pioneira. Antes de falar da implacável perseguição fantasmal, é necessário recuar para alguns esclarecimentos.

O Grupo Sul, movimento cultural que viria mexer com a cidadezinha tão amorável e acomodada, já se ensaiara em vários campos: revista, editora, literatura, teatro, artes plásticas, folclore, clube de cinema, um pouquinho de música, palestras. Saturados de filmes e de teoria sobre a sétima arte, com essa audácia que deve ser apanágio dos jovens (não só deles), pensaram: por que não fazermos nosso filme? Jamais tinham tido nas mãos uma filmadora ou enxergado uma moviola. Em teoria acreditavam saber tudo. Agora, na prática, nada.

Não se intimidaram nem ficaram no sonho. Foram à luta. Enquanto uns elaboravam a história, outros saíam vendendo cotas. Primeiro equívoco: em lugar de se partir para uma história linear, cronológica, a proposta foi, através de um som, uma

fala, uma imagem, uma sugestão, fundir duas em contraponto, que se convencionou chamar ‘crônica de uma cidade’, e que só se encontravam em um final dramático na ponte Hercílio Luz. De um lado, moças se candidatam a Rainha do Verão, vendendo votos; do outro, guris buscam trocados para montar um boi-de-mamão. Além disso, para complicar, fusão entre o expressionismo alemão e o neo-realismo italiano, buscando uma linguagem própria.

Conseguiram-se recursos, montou-se a equipe, escolheram-se os atores, começaram as filmagens em meados de 1957, envolvendo praticamente toda a população, o filme foi lançado em 1958. Tinha 70% de exteriores de uma cidade que não mais existe. Fácil, claro que não foi. E se o filme, produzido pela Sul Cine Produções, equipe Alberto Cavalcanti, homenagem ao grande diretor, sob certos aspectos foi frustrado, embora gratificante, provou que a gente querendo pode criar. Dele resultou a *Produções Carreirão* (produtor do filme), que durante uma década realizou quase duas centenas de jornais da tela, curtas, documentários.

Fato estranho (devido certamente à inexperiência): o copião e a pré-montagem, tudo assistido no Cine Ritz não apenas pelo pessoal ligado ao filme, como também por convidados, era melhor do que o produto final. Este salvava-se por cenas avulsas, pela visão da cidade e sua gente, pela música, por um certo clima, embora o todo não se fechasse de forma coerente.

A estréia, depois de protelações, foi em grande estilo: holofotes em frente ao Cine São José, desfile dos atores na passarela, tudo precedido por ampla campanha publicitária,



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

que dizia: ‘venha assistir ao primeiro filme catarinense e veja se se encontra nele’. Casa lotada. Só não se teve a precaução de projetá-lo antes, para checar. Confiava-se no copião. E a montagem (se é que assim se pode chamá-la) prejudicou a estrutura do filme. Por igual o som, embora a música, tanto a incidental como as canções folclóricas retrabalhadas por Osvaldo Ferreira de Mello, fossem bem boas. Depois da estreia (os espectadores foram muito simpáticos, aplaudiram e elogiaram), o filme retornou a São Paulo.

Feitos os acertos, circulou pelo estado. Em São Paulo, uma cantora e um amigo dela se interessaram pelo filme. Havia necessidade de remontagem, pois a cantora queria aparecer, exigia inserções. Isso ocorreu em 1962, durante a realização da 1ª Semana do Cinema Novo Brasileiro, em Florianópolis. Máximo Barro, que deveria ter sido o montador, só agora assumia a função. Como garantia, providenciou cópia em 16 mm. Nova montagem começou, cantora e amigo se desentenderam. Máximo se

afastou, sem concluir a montagem.

Meados da década de 70. Resido no Rio de Janeiro. Um escritor amigo me telefona. Tinha assistido ao filme na TV-Gazeta/SP. Diz: ‘excelente não é, mas tem qualidades, não é ruim como você me disse’.

Início da década de 80. Estou de volta a Florianópolis. Vou a São Paulo a serviço. Paulo Emílio Salles Gomes morrera havia pouco. Telefone para Ligia Fagundes Telles, na Cinemateca. Quero visitá-la. Chego tarde. Ligia tinha outro compromisso. Deixo um bilhete. Um jovem ouve meu nome, diz: ‘por acaso é o Salim Miguel, do filme *O Preço da Ilusão*?’ Brinco: ‘sou, mas não por acaso.’ Ele: ‘tenho uma coisa que vai lhe interessar’. Eu: ‘o quê?’ Ele: ‘parte final do filme de vocês’. Eu: ‘absurdo!’ Ele: ‘vamos ver’. Fomos.

Negativo na moviola, levo um susto, digo aos primeiros fotogramas: ‘ora, é mesmo!’ O jovem ri. Pergunto: ‘que milagre foi este?’ Explica: haviam recebido latas de negativos de um laboratório desativado; em uma das primeiras examinadas, a derradeira parte do filme, menos de dez minutos. Pedi cópia em 16 mm: provar, para os céticos, que o filme existira. Quem sabe o resto não seria localizado! Ou uma cópia.

Tempos depois, o Zeca Pires vai a São Paulo e recupera toda a parte de som. Tem mais: Zeca prepara o documentário *Ponte Hercílio Luz* e utiliza a parte com o desastre que fecha o filme. Me chama para um depoimento. E na tal remontagem, preparei um texto (continua inédito), para ser dito pela ponte, principal partícipe da história. Parece-me que, só recuperado o filme, vai desaparecer o renitente fantasma. ■

019: Um contista exemplar

MIGUEL, Salim. Um contista exemplar. *Gazeta Mercantil*, 7 de ago. de 1998, p. D-6. Crônica.

Um contista exemplar

Salim Miguel

O reencontro com o texto de Silveira de Souza é, sempre, um acréscimo, nova fruição, uma (re)descoberta. Cada leitura permite outros níveis, com o desvelamento do ser humano, introduzindo o leitor num universo corriqueiro, mas pleno de componentes insólitos e inquietantes.

No caso de SS, não basta ler. É indispensável saber ler; ir além dos signos que se tem diante dos olhos, penetrar no que está subentendido. O verdadeiro escritor é aquele que não se entrega a uma leitura superficial, parecendo dizer: vem, me desvende, vai até o âmago de minha proposta.

Toda seleção, é acaciano repetilo, possui um forte traço de gosto pessoal, que vai para além do que se convencionou denominar "valor literário". Mesmo quando, como nestá, a seleção é do próprio autor. A presente (*Relatos Escolhidos*, de Silveira de Souza, ed. Garapuvu, Épulis, 1998) teve, para mim, outro mérito: fez com que eu voltasse aos livros anteriores. A intenção primeira era confrontar a escolha.

Não me contive. Acabei (re)lendo praticamente tudo, com o mesmo deleite intelectual de sempre, atento às nuances de alguém que sabe, como poucos, o valor das palavras, de que maneira juntá-las e delas extrair e transmitir emoção, inquietação, perplexidade, sensações que nos ampliam a visão do homem e do mundo e nos afetam, fazendo-nos raciocinar e reelaborar nossa concepção de mundo e vida. Durante bom tempo, seres e situações nos acompanham, permanecendo vivos e sangrando, ao retratar uma humanidade com uma carga maior de sofrimento do que de alegria. Ainda assim, também humor

e lirismo perpassam as páginas de Silveira de Souza.

Eu disse há pouco (ou deixei subentendido) que toda seleção é válida e é questionável. Ao consultar escritores e leitores, veremos que, se por um lado concordam com a escolha do autor, por outro teriam acréscimos ou substituições a fazer.

Justifico minha proposição: começo pelo livro *Uma Voz na Praça*, o segundo publicado por Silveira de Souza, em 1963. E fico logo a me perguntar o porque da exclusão de um texto como "Vinhas", modelar sob vários aspectos. Nele estão vários fundamentos do que seria a proposta literária de SS: a aparente simplicidade no narrar, que envolve uma constante preocupação com o melhor uso da palavra, a delimitação de seu espaço narrativo, a tensão implícita ou explícita, o modelar domínio no saber dizer, a palavra exata fundindo-se a outra palavra exata, a contenção, o transmitir muito com pouco, sem derramamentos, o exigir a permanente participação do leitor para que possa alcançar o que está pretendendo.

Veja-se o seguinte trecho: "O bar em que estávamos, o Miramar, parecia um medonho navio malcheiroso, que se transformara em pedra e ali ficara, rígido, com a sua tripulação de bêbados. O meu amigo ria-se, dizendo que Florianópolis era uma ilha estranha, onde todos viajavam sem sair do lugar. As mais extraordinárias viagens e aventuras, dizia, eram realizadas nas mesas dos bares". Quanto de verdade e de fantasia existe aí! E quantos ilhéus não se reconhecerão no que ficou dito!

Reconsidero: falei em um conto. Poderia citar tantos mais. Deste mesmo *Uma Voz na Praça* ou de outros. "O alto-falante", por exemplo,



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

de Quatro Alamedas, que me remete para um conto de Adolfo Boos Jr., "O dia do juízo".

Será que isto diminui o que se encontra em *Relatos Escolhidos*? Pelo contrário. Atiça mais a curiosidade, instiga os leitores, tanto os que conhecem a obra do autor, que certamente irão reler outros contos, como os que nada conhecem e se interessarão por conhecer. E mostra a pertinência do que ele diz, a riqueza e a inventividade da prosa de Silveira de Souza.

Há nele uma contribuição significativa para a nossa contística, uma economia de meios expressivos, rara em uma prosa em geral derramada e superficial. SS escreve sobre o corriqueiro, o óbvio, o banal dia-a-dia, o aqui e o agora de nossa contingência. De repente, tudo isto explode, o inusitado do viver, com seus absurdos, se infiltra solerte.

Bom exemplo é o conto "O cavalo em chamas", também não incluído na seleção, do livro com o mesmo título. É um relato simples, banal, de um dono de vendola, em apuros financeiros, dívidas se acu-

mulam, o homem não vê saída. Chega em casa, desabafa com a mulher. Ela retruca que acabara, outra vez, de ver o cavalo em chamas. Este componente fantástico atinge, em cheio, o vendeiro, jogando-o em nova dimensão. E atinge, também, o desprevenido leitor.

Ler-reler SS me lembra outro modelar contista, o mineiro Murilo Rubião. Em ambos, contos transitam de um volume para outro. Num breve levantamento, que pode ser ampliado, encontrei "O charadista" em cinco livros (a primeira vez em *O vigia e a cidade*, de 1960); "O braço direito de Noêmia" em quatro; "O morto" em três; "Ricto" e "O alto-falante" em dois. Alguns contos paradigmáticos: "O morto", "O charadista", "O braço direito de Noêmia" e "Ricto". Embora menos frequente há, por igual, no contista de Santa Catarina, uma chispa do fantástico, que impregna, mesmo que não o queiramos perceber, nosso cotidiano.

Repito: a força do contista SS está no pleno domínio da escrita, na extrema precisão do uso das palavras, que se fundem harmoniosamente, no saber envolver o leitor em sua trama simples, profunda, instigante, humana.

Não fazendo a vida social das letras, num País onde nem sempre o valor conta, escrevendo por uma inelutável necessidade interior de se comunicar e deixar um recado estético e humano, é SS bom exemplo de escritor consciente, que sabe domar as palavras sem lhes tirar a força e a autenticidade, mas ampliando-as. No entanto, devido ao seu temperamento arreado, infenso a badalações, ainda não tem, nem mesmo em sua própria terra, o reconhecimento que merece. Contudo é ele, sem sombra de dúvida, um dos mais importantes contistas brasileiros de hoje. ■

020: Resgate de uma obra

MIGUEL, Salim. Resgate de uma obra. *Gazeta Mercantil*, 14 de ago. de 1998, p. D-6. Crônica.

Resgate de uma obra

Salim Miguel

É, ao mesmo tempo, um trabalho de paciência e de amor o que Ruth Laus vem empreendendo, no sentido de recuperar o acervo literário de seu irmão, Harry Laus. Desde que ele morreu, há seis anos, Ruth levanta o que Laus deixou e publica-o em edições bem cuidadas.

Durante anos, Harry Laus, misto de militar e intelectual, pouco depois de uma estréia auspiciosa com *Os Incoerentes* (1958), deixou a literatura para se espregar por outras áreas, mais especialmente as artes plásticas. Neste campo, sua contribuição foi importante, primeiro no Rio de Janeiro, depois em São Paulo e nos últimos anos em Santa Catarina.

Amigos e admiradores se perguntavam: será que o escritor esgotou seu recado? Improvável. Intuita-se que ainda tinha muito o que dizer.

Eu costumo repetir que alguém ipoculado pelo vírus da escrita não tem escapatória. Não existe antídoto. E, de qualquer maneira, Laus continuava envolvido com a palavra - só que em novas funções. O que ele realizou no setor das artes plásticas foi de significativo. Só para citar um exemplo mais próximo de nós, Harry Laus deu nova estrutura ao Museu de Arte de Santa Catarina, possibilitando que, em cima do trabalho dele, se possa ampliar o MASC, que em 1999 completa 50 anos de criação. Também é bom não esquecer seu importante Indicador Catarinense das Artes Plásticas, minucioso levantamento realizado com critério e competência.

Mas nos últimos anos de sua vida

a velha chama do criador literário reapareceu com todo vigor. Aliás, fico em dívida, diante do que Ruth vem descobrindo, se alguma vez esteve mesmo imersa. O que deve (pode) ter acontecido é que, diante das dificuldades que a quase totalidade dos escritores enfrenta, tenha Laus parado de publicar.

A meu ver, a volta se deu ao surgir a possibilidade de ter seus trabalhos publicados por editora francesa - e a repercussão positiva que lá alcançaram. Basta dizer que o romance *Os Papéis do Coronel*, só saiu no Brasil, pela Editora da UFSC, quatro anos depois de publicado na França.

Durante os anos de 1983/84, o escritor Silveira de Souza e eu realizamos, para o jornal *O Estado*, uma série de entrevistas com escritores de Santa Catarina. Coube-me, entre outras, a de Harry Laus. As duas primeiras perguntas que lhe fiz, para situá-lo, foram: "Quem é Harry Laus?" e "Como é que o militar tornou-se escritor?" Com aquela franqueza que o marcava, respondeu: "Acho que tenho sido mais Quixote que Sancho Pança. Luto contra a mentira, a hipocrisia e a ingratidão". Quanto a outra pergunta: "Militar é profissão, sobrevivência; escritor é ideal... Sobreviver como escritor exclusivamente não se torna possível senão depois de uma longa servidão a qualquer carreira, a não ser quando se nasceu em berço de ouro, o que não foi o meu caso".

Por ocasião da entrevista, Laus já retomava a carreira de escritor. E ao inquirir se o ficcionista viera para ficar, retruca: "Espero que sim". Esse "espero que sim" se



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

concretizou. E com um avanço significativo na qualidade do texto, revelando, a cada novo livro, alguém que tinha o que dizer e sabia fazê-lo com pertinência.

Comecei falando da dedicação de Ruth à obra de Harry e me perdi. De repente, me dou conta que, até este momento, não justifiquei bem o enunciado. Explico: tendo acompanhado desde a década de 40 o trabalho de Harry Laus (a partir de sua colaboração na revista Joaquim, do Dalton Trevisan), penso ter muito a dizer a respeito dele e de sua luta para se afirmar como ser humano e como intelectual. Quem sabe em outra ocasião...

Vamos, então, ao trabalho da Ruth. Por ocasião do lançamento de outros dois livros, eu dizia: "Ruth me parece que temos um exemplo semelhante ao do Fernando Pessoa. Mais se tira da arca, mais originais vão aparecendo".

Dois que ela organizou foram o que eu chamo de "atividades paralelas". São: Harry Laus - artes plás-

ticas e Harry Laus - cine-teatro. Nelas estão contribuições valiosas para o melhor conhecimento desses setores e de que maneira Laus os via.

Pode-se alegar que ali estão colaborações esparsas, extraídas de jornais e revistas. Tudo bem. Mas o que se publica na imprensa periódica, some já no dia seguinte. Só o livro pode dar perenidade a um texto.

Já nos dois mais recentes, tanto em *Impressões de vida e impressões de leitura*, como em *Monólogo da provação*, o que nos chega é o Harry Laus sangrando, sofrido, procurando mais e melhor se conhecer e conhecer o bicho homem. Ao prefaciar *Monólogo da provação*, diz outro militar e grande escritor, M. Cavalcanti Proença: "Harry Laus, com sua sensibilidade muito viva, registra o que representou a sua experiência em Corumbá, que pode ser resumida em três palavras: o cerco da solidão". E conclui assim: "Estamos diante de um escritor que adquiriu o domínio de seu instrumento, que tem condições pessoais tão acentuadas e marcantes, que não estaremos exagerando impressões ao afirmar a certeza de que, a qualquer momento, Harry Laus nos dará seu grande livro e que esse há de ser, também, um grande livro de nossa literatura". São palavras premonitórias.

O prefácio foi feito para a edição de 1966, que não chegou a ser publicada. Mas a carreira posterior de Laus viria confirmar o texto de Proença. E é graças à luta de Ruth Laus que, hoje, lemos estes textos tão instigantes e esclarecedores da trajetória do homem e do escritor. ■

021: O filho do Desterro

MIGUEL, Salim. O filho do Desterro. *Gazeta Mercantil*, 21 de ago. de 1998, p. D-8. Crônica.

O filho do Desterro

Como poeta, Cruz e Souza cantou para todos, para os que o ouviam em seu tempo, para os que o ouvem pelos tempos afora

Salim Miguel

Há cem anos de sua morte (19 de março de 1898) e cento e trinta e sete de seu nascimento (24 de novembro de 1861), permanece o enigma Cruz e Souza. Muitos ficam ainda a se perguntar como teria sido possível o surgimento de tal vulto, em condições tão precárias e desfavoráveis. Se Cruz e Souza jamais esteve no limbo, como outros, que às vezes por mero acaso acabam sendo redescobertos (Ernane Rosas é o exemplo mais próximo), não tem contudo o reconhecimento merecido. Embora sempre tenha tido ferrosos admiradores, que passaram uns para os outros a chama que ilumina seu nome e sua obra, ainda assim sua fortuna crítica, embora expressiva, não é substancial.

Nascido na bela e modorrenta Ilha de Santa Catarina (onde se erguia Desterro, hoje Florianópolis), filho de escravos libertos, na primeira infância foi mimado pela família do marechal Guilherme Xavier de Sousa. Este, ao voltar da guerra do Paraguai, foi saudado com versos da lavra do menino de oito anos.

Logo (morte dos senhores?) são apenas seus pais que lutam e se desdobram para lhe dar todo o ensino e incentivo possível no lugarejo. Adolescente, Cruz junta-se a outros por igual insatisfeitos com a pasmaceira reinante. Funda, com Virgílio Várzea, o jornal Colombo (1881). No ano seguinte, a Folha Popular. A

irreverência dos jovens suscita animosidades. Por esse tempo, aporta à Ilha a companhia teatral Julieta dos Santos. Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Santos Lostada publicam um livro de poemas homenageando a atrizinha de doze anos. São versos imaturos, onde é difícil perceber algum indício da inigualável voz poética que se faria ouvir depois.

Quando a companhia deixa Desterro (1883), tem um novo ponto: Cruz e Sousa. Com ela percorre boa parte do País. Espalha seus versos, prega suas idéias renovadoras, luta pela abolição. Sempre abominou o escravismo, jamais aceitou que sua gente se considerasse inferior. Como poeta cantou para todos, para os que o ouviam em seu tempo, para os que o ouvem pelos tempos afora. Para os seres humanos, qualquer que seja a cor da pele.

De volta à terra natal (1885), participa do movimento Idéia Nova, que vai mexer com os valores estabelecidos. Edita O Moleque, jornal de combate, quase sozinho, escrevendo artigos, crônicas, sueltos, poesias, noticiário geral, desenhando, usando o próprio nome ou pseudônimos. Muito avançado para a época, esse jornal está a exigir uma edição fac-similar.

No ambiente cada vez mais fechado, Cruz e Sousa sufoca. Em 1890, muda-se para o Rio de Janeiro, com grandes sonhos e maiores ilusões. A essa altura, leitor insaciável e receptivo, já estava influenci-



Escritor e jornalista, Salim Miguel escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

ado por nomes como Baudelaire, autor da epígrafe emblemática de seu primeiro livro, Broquéis (1893): "Seigneur mon Dieu! accordez moi la grâce de produire quelques beaux vers qui me prouvent à moi même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inférieur à ceux que je méprise". Do mesmo ano é Missal (prosa).

A realidade que ele enfrenta é dramática. Mal consegue sobreviver com os empregos mesquinhos a seu alcance. As raras cartas que nos chegaram falam de incompreensão, doenças, dificuldades financeiras, falta de ressonância para os poemas que vem publicando em jornais. Sua última carta, pouco antes de morrer, é um desesperado e pungente pedido de ajuda financeira a um amigo.

Seu encontro com Gavita, em 1892, é um espaço de plena euforia, de paixão, de amor. Casam-se. À felicidade e à alegria do nascimento dos filhos se opõem a falta de recursos, a loucura temporária de Gavita, a tuberculose. Como ele diz no soneto Vida obscura: "Ninguém sentiu teu espasmo obscuro / O ser humilde entre os humildes seres. / Embriagado, tonto de prazeres, / O mundo para ti foi negro e duro". Mas, contrapondo-se a esta visão, diz em O assinalado: "Tu és o Poeta, o grande assinalado. / Que povoa o mundo despovoado. / De belezas eternas, pouco a pouco".

Seus amigos cercam-no de atenção, o principal deles Nestor Victor; o poeta Alphonsus Guimaraes vem de Minas para conhecê-lo; Araripe Jr. é o primeiro crítico a lhe exaltar o valor, e mesmo José Veríssimo e Sílvio Romero, embora com restrições a seu verso inovador, não podem negá-lo. Estranho é que não se tenha nenhuma referência de um encontro seu com Machado de Assis.

Apesar da implacável progressão da doença, colabora em jornais, prepara outros livros. Em 1897, conclui Faróis e Evocações (este numa prosa densa, ainda não devidamente avaliada). Em busca de melhora, vai para Sítio, em Minas Gerais. Inútil. Lá mesmo morre. Meia dúzia de amigos recebem seu corpo, que desce para o Rio num vago de gado.

022: Reedições necessárias

MIGUEL, Salim. Reedições necessárias. *Gazeta Mercantil*, 28 de ago. de 1998, p. D-6. Crônica.

Reedições necessárias

A coleção *Confluências*, da editora Artium/RJ, coordenada por Domício Proença Filho, resgata títulos há muito esgotados e que trazem facetas pouco ou nada conhecidas da literatura brasileira

Salim Miguel

A literatura brasileira é feita de imprevistos e imponderáveis. Nomes submergem e reaparecem (ou não) sem uma explicação lógica, independente do valor que possam ter. Outros permanecem no limbo durante anos (décadas), até que um incidente qualquer os faça vir à tona. Exemplo sempre citado é Dona Guidinha do Poço, de Manuel de Oliveira Paiva, que esteve esquecido por quase 60 anos, até que Lúcia Miguel Pereira o desencavou. Pode-se alegar: nunca chegou a ser livro, apenas pequena parte do romance apareceu, em publicação periódica.

Não faz muito, em conversa com professora de literatura de uma de nossas principais universidades, falávamos a propósito de escritores autores esquecidos, e eu me lembrei do Macedo Miranda, autor da Pequena Comédia, série de romances interligados pela proposta narrativa, pelo clima, pela situação geográfica, por personagens recorrentes. Dizia que nossa literatura não é assim tão rica que pudesse se dar ao luxo de ignorar um Macedo Miranda. E acrescentei que poderia relacionar tantos outros, um Juarez Barroso, um Breno Accioly - isto para ficar em nomes mais próximos de nós. E qual não foi minha surpresa ao ouvir a professora dizer que jamais ouvira falar em Macedo Miranda. Dei indicações - e ela me disse que ia procurar, em biblioteca (ou sebo), alguma obra do escritor.

Daí saudar, com entusiasmo, a coleção *Confluências*, da editora Artium/RJ, que tem a coordenação

de Domício Proença Filho. A proposta é resgatar títulos há muito esgotados, que revelem facetas pouco ou nada conhecidas da literatura brasileira. Os primeiros cinco são bastante significativos e justificam plenamente a iniciativa. Edição bem cuidada, breve notícia sobre o autor e a obra, estudo introdutório. Esperemos que o mercado saiba absorver o produto, que se dirige tanto ao leitor comum, como ao professor e ao aluno de nossos cursos de letras. É, sem sombra de dúvida, uma contribuição importante, assim defendida pela editora:

"A série *Confluências* objetiva trazer a público obras relevantes da literatura brasileira que, por qualquer razão, tenham sido marginalizadas, esquecidas ou divulgadas sem o rigor exigido por suas qualidades intrínsecas ou por sua significação na nossa história literária. Acolhe também textos inéditos de alguma forma inovadores."

Até o momento, a coleção inclui apenas reedições. Vamos a elas:

Bom Crioulo, de Adolfo Caminha, introdução de Leticia Malard; A Menina Morta, de Cornélio Penna, posfácio de Wander Melo Miranda; Dona Guidinha do Poço, de Manuel de Oliveira Paiva, introdução de Domício Proença Filho; O Filho do Pescador, de Teixeira e Sousa, introdução de Domício Proença Filho; A Normalista, de Adolfo Caminha, introdução de Domício Proença Filho. O próximo título a aparecer é Macario, de Álvares de Azevedo. Em conversa com Domício, lembrei outros, um O Missionário, de Inglês de Souza, por exemplo.



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

Claro que não se pode exigir a mesma qualidade de todos eles. Se A Menina Morta tem lugar reservado entre nossos excelentes textos literários (como tem, igualmente, Fronteira, Dois romances de Nico Horta, Repouso, do mesmo autor), outros valem pela curiosidade, caso de O Filho do Pescador, considerado "o primeiro romance brasileiro publicado". Informe, irregular, tremendo folhetim, há nele, contudo, passagens que seriam retomadas, com inegável qualidade, por outros escritores (Machado de Assis seria um): a freqüente interferência do autor no desenrolar da trama, dirigindo-se ao leitor e pedindo sua participação ou se aconselhando com ele. Outra aproximação com Machado de Assis é que ambos foram tipógrafos. Mas, tanto para o simples curioso, como para o estudioso de nosso passado literário, é bom tomar contato com este pioneiro da nossa ficção.

Quanto aos demais, se diferem no mérito, todos eles se sustentam. Adepto do naturalismo de um Zola, Adolfo Caminha já domina seu instrumento de trabalho e cria, tanto em Bom Crioulo, como em A Normalista, situações bem armadas e convincentes, personagens que adquirem vida própria (seja a dupla de Bom Crioulo ou a normalista e o padrinho, de A Normalista). Ambos romances eram muito avançados para o meio e a época, um tratando do problema do homossexualismo e o outro de um caso incestuoso. Já Dona Guidinha do Poço trata de adultério, no Ceará do século passado. Mas resumir a trama do romance a apenas isto é reducionismo. A ambição do autor é bem maior: traçar um preciso quadro de hábitos e costumes do sertão, num sensível inter-relacionamento entre terra e gente.

Mas sem dúvida, destes primeiros cinco, o que melhor se sustenta é A Menina Morta, romance intimista, complexo, envolto em mistério, altamente elaborado, que se situa numa linhagem rara em nossas letras. Cornélio Penna fugia ao padrão social da literatura da época, daí a restrita repercussão de seu nome e sua obra. Fui conhecê-lo graças ao Marques Rebelo, que às vezes preferia A Menina Morta e outra, Fronteira. Torço para que a aceitação por parte do público permita a continuidade de um projeto de tamanho significado. Por ele, vai se conhecer melhor o nosso passado literário e a valorizar mais nosso patrimônio cultural, quase sempre tão esquecido e desprestigiado. ■

023: Sérgio Carvalho, um herói

MIGUEL, Salim. Sérgio Carvalho, um herói. *Gazeta Mercantil*, 4 de set. de 1998, p. D-8. Crônica.

Sérgio Carvalho, um herói

O sacrifício do homem que frustrou um crime militar

Salim Miguel

É muito raro e é incomum encontrarmos um herói. Me refiro a um autêntico, que se sacrifica em prol da humanidade, sem pensar em si mesmo e nas consequências. Pois eu conheci um, por curto período trabalhamos juntos. Só fui saber do que fizera anos depois.

Vou começar pelo começo. Depois do golpe militar, tive que sair de Florianópolis. Ao contrário de centenas de outros, me exilei no próprio país. Mudei para o Rio de Janeiro. Mesmo porque, embora tivesse sido rescindido meu contrato de trabalho no Estado, graças a um escritor amigo (Adonias Filho), que assumira a direção geral da Agência Nacional, mantive o outro. O salário era insuficiente. Saí em busca de emprego, enquanto, em casa, a Eglê se desdobrava no atendimento dos filhos e fazendo traduções e revisões. Consegui trabalho em uma empresa jornalística.

Meu leitor já deve estar se perguntando o porque dessa introdução tão esdrúxula. É para esclarecer melhor o que virá. Certo dia, no setor onde trabalhava, foi-nos apresentado novo funcionário. Não durou muito. De repente, da mesma forma repentina como aparecera, sumiu. Não tivéramos qualquer explicação quando chegara, só um simples "ele vai trabalhar aqui". Agora, nem isto. Determinada manhã não apareceu, na outra idem, alguém se lembrou de perguntar, "e o Sérgio?" Ficou sem resposta.

Vivia-se tempos duros. Um clima tenso permeava as relações. Podiam existir informantes. Até que se soubesse de quem se tratava, as conversas eram cautelosas,

medindo-se cada palavra.

1979. O Brasil começava a sair dos anos de chumbo. Embora bem adaptados ao Rio, resolvemos retornar para Florianópolis. Chegamos a tempo de acompanhar a famosa "novembrada" do general Figueiredo.

Determinado dia, estou trabalhando, toca o telefone. Atendo. Uma voz estranha pergunta por mim. Retruco. E a voz: há quanto tempo, como vai, faz pouco fiquei sabendo que tinha voltado para a terrinha.

Não reconheço a voz. Pergunto: quem é? Do outro lado: o Sérgio, estou telefonando do Rio de Janeiro. E eu: que Sérgio? E ele: o Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho, também conhecido como Sérgio Carvalho.

O nome não me diz nada. Lá bem dentro, tento me lembrar de onde o ouvira. Digo: me desculpe, estou me esforçando, mas não consigo, não me recordo de nenhum Sérgio nas minhas relações mais próximas dos tempos do Rio. E a voz: nem do Sérgio Macaco? Não titubeio: sim, claro, só não sei quando e como nos conhecemos. Há uma pausa. Sérgio parece refletir. Ao retornar, esclarece: tem razão, desculpe, eu devia ter logo informado como e quando nos conhecemos. Foi nas Empresas Bloch, passei curto período lá.

Uma pálida luz se fez. Comecei a construir a figura. Só que jamais poderia imaginar que o tal Sérgio fosse o mesmo Sérgio Macaco, uma legenda viva de heroísmo, de humanitarismo, que sacrificara sua carreira e sacrificara os seus, num momento crucial da história brasileira.

Ele pertencia ao Parasar, Serviço de Busca e Salvamento da Aeronáutica, quando determinado dia, fins de 1971, foi a uma reunião no



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

gabinete do Brigadeiro Burnier. Era uma sigilosa missão: o comando ordenava que um grupo do Parasar destruísse pontos estratégicos do Rio, como o Gasômetro, para, depois, a culpa ser jogada em cima dos "comunistas", receita indonésia para acabar com a oposição. (Como se tentou, mais adiante, fazer no Rio Centro, sem também hesitar em sacrificar milhares de vidas humanas, com os resultados que todos conhecem). Sérgio se recusa. Não era aquela a missão do Parasar, mas sim atender a população, realizar buscas, salvar vidas. De nada adiantaram apelos, pressões, ameaças. E foi graças à maneira enérgica com que se opôs, acompanhado por outros membros do Parasar, que o crime que se ia cometer se frustrou. Resultado previsível e que Sérgio já imaginava: foi punido com demissão e cassação. Tornou-se um réprobo para a ditadura, alguém que se rebelara contra uma decisão de superiores, e revelara algo dos porões do regime.

Sérgio ficou literalmente sem nada. Saiu em busca de trabalho. Como eu disse há pouco, a totalidade (ou quase) das empresas jornalísticas do Rio acolhia, em seus quadros, pessoas qualificadas, sem exigir quaisquer tipo de atestado de ideologia. Vários dos que ali estavam haviam passado por momentos difíceis. O único caso de demissão (não posso garantir) foi o de Sérgio. A direção da empresa recebera ameaça de sanções. Não apenas órgãos do governo, mas também firmas privadas (caso quisessem continuar nas boas graças dos governantes), seriam proibidas de veicular, na empresa, qualquer tipo de publicidade. Foi a razão do repentino sumiço do Sérgio, o que só fiquei sabendo, anos depois, pelo telefonema. Melhor: ficou-se sabendo.

Sérgio Carvalho passou a se viver conforme podia, contando com a ajuda de alguns amigos, corajosos e solidários. Trabalhava, agora, em uma firma que vendia tintas especiais. Tomou conhecimento que Santa Catarina ia comprar tintas para a Ponte Hercílio Luz. Queria saber a quem se dirigir. Pedi que deixasse o telefone, eu ia me informar. Fiz o pouco que pude.

No momento oportuno, Sérgio foi dos primeiros a procurar a justiça, recorrendo da decisão arbitrária. Teve ganho de causa. Mas o executivo demorou tanto em lhe reconhecer o direito de reintegração e promoção, que isto só veio a ocorrer depois de seu falecimento.

Por isso sinto-me na obrigação moral de fazer este registro: se alguém, neste País, merece o inquestionável título de herói é o Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho, mais conhecido como Sérgio Macaco. ■

024: Feira de Livro: um pouso fixo

MIGUEL, Salim. Feira de Livro: um pouso fixo. *Gazeta Mercantil*, 11 de set. de 1998, p. D-6. Crônica.

Feira do Livro: um pouso fixo

Atrair um novo tipo de público, avesso aos espaços convencionais, para um objeto fascinante e esquivo. Esta é a verdadeira missão das feiras.

Salim Miguel

Estamos diante de mais uma Feira do Livro. É a 13ª de Florianópolis e a terceira de Santa Catarina. No Shopping Beira-Mar (dias 09 até 13).

Temo que, mais uma vez, editores, livreiros, autores, público em geral, saiam frustrados. Um editor e livreiros, que entende do ramo, reclamou da exiguidade de tempo (5 dias). É praticamente impossível uma Feira do Livro se fixar, se afirmar, atrair público, trazer retorno, já nem se diga financeiro, mas até mesmo de mídia e marketing, que compensem o desgaste e o investimento; outro, da constante mudança de local e da inadequada preparação e motivação para um produto infelizmente de pouco apelo.

Fui um dos criadores da Feira, quando ainda se denominava ACEL - Associação Catarinense de Editores e Livreiros. Anos depois passou a ter a denominação de Câmara Catarinense do Livro. Os problemas persistiram.

Nestes 13 anos ela continua ciganando. Já esteve em frente à Catedral, no Largo da Alfândega, no pátio do Palácio Cruz e Sousa, na praça Tancredo Neves, no Centro Integrado de Cultura, na Assembléia Legislativa.

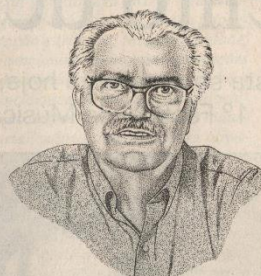
Qual a principal missão de uma Feira de Livro que se preze? Atrair um novo tipo de público, avesso aos espaços convencionais, para esse objeto tão fascinante e tão esquivo, chamar a atenção do não-leitor ou do leitor eventual que não se aventura (ou até teme) a entrar numa livraria, a fim de que chegue perto, manuseie, sinta, cheire, absorva os eflúvios que parecem dizer, "me leva, te acostuma a mim e jamais me largará": ficar consciente de que

não é um bicho estranho, mas um amigo indispensável, que deve fazer parte do nosso dia-a-dia, fruição e conhecimento ao mesmo tempo.

Quando se fala em Feira do Livro cito, sempre, o exemplo de Porto Alegre (com filhotes em outros municípios gaúchos). Ela não se afirmou num passe de mágica. Foi um processo que maturou aos poucos. Vai para 50 anos, há mais de 30 no mesmo lugar. Transformou-se em hábito, a quantidade de usuários de todas as categorias sociais se expande; as pessoas marcam encontro na feira; editores, livreiros, autores, visitantes, amigos, se reservam data para ali estarem, fazerem lançamentos, comprarem, conversarem, examinarem as mais recentes novidades - e todos saem satisfeitos.

Por quê? Pode não ser pelas vendas. Mas porque tornou-se importante participar da Feira, pessoas se telefonam, autores e editores se programam, todos se dizem, vamos nos encontrar lá, famílias inteiras para ela se dirigem, como quem vai para piquenique. Vão se habituando à Feira e acabam por comprar livro - embora a intenção nem fosse esta.

Nisso tudo, um fato me parece fundamental: a Feira deve ter um ponto fixo, localizada em espaço de passagem obrigatória. Ela é feita, fundamentalmente, para os NÃO frequentadores habituais de livrarias e sebos, a fim de formar um público mais amplo, que poderá, mais adiante, ir se familiarizando ao livro, e adquiri-lo nas livrarias. Eu arriscaria dizer que os frequentadores contumazes de livrarias, até podem ir, mas relutam demorar-se nas Feiras. Querem é a tranquilidade de local mais calmo, fechado, onde se possam demorar folheando, manusean-



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

do, acariciando um título, lendo trechos, pelo tempo que quiserem.

Podem fazê-lo na Feira? Podem. Não é o mesmo. Há um inquestionável fascínio no estar na livraria, sentem-se meio donos do pedaço.

Diante da crise que vivemos, (o dinheiro cada vez mais escasso, o funcionalismo sem aumento há quatro anos, um miserável salário mínimo de 130 reais por mês (por aqui, pois no Norte e Nordeste nem chega perto disso), as tiragens insignificantes, o preço alto para o poder aquisitivo da grande maioria, as principais editoras se retraindo e devolvendo originais aprovados), a não ser os fanáticos, que sacrificam outros itens em favor da paixão pelo livro, quantos será que compram um único exemplar por ano? Por outro lado, o incentivo à leitura inexistente, da mesma forma que inexistem bibliotecas em número suficiente. E há o analfabetismo, até entre os que acham que sabem ler. Novos meios de comunicação, mais epidérmicos, absorvem mentes e corpos - se bem que nada possa, para quem sabe ler de verda-

de, substituir a leitura, o magnético fascínio de um signo que se junta a outro e nos desvenda novos mundos que nos prendem e dominam.

O que fazer? Desistir da luta? Não! O primeiro item é saber armar uma estratégia eficiente; segundo, que as Feiras tenham dois finais de semana; terceiro, que o básico seja o livro e a discussão a respeito de sua importância; quarto, que tenha, sempre, um local definido, central, passagem obrigatória, não sendo necessário a pessoa se deslocar até pontos distantes e, por vezes, quase inacessíveis.

Volto a Porto Alegre: a data é sempre a mesma; idem o lugar, independentemente de sol inclemente, chuva torrencial, ventaria, trovoadas. Gaúchos dizem que mau tempo é tradição nas Feiras. Me lembro de um ano em que, na abertura, excetuando o sol, os demais componentes lá estavam, se uniram. Ainda assim, o espaço lotado, frequentadíssimo, ninguém se retirou.

Torço pela Feira que ajudei a criar. Espero que ao final dessa possa dizer: dou a mão à palmatória, estava errado. Infelizmente continuo cético.

La falar, nessa conversa semanal, de nossas editoras. Temos várias em plena atividade, prestando bons serviços apesar dos empecilhos, divulgando nossos valores e revelando novos. Mas me empolguei num campo onde, vai para 60 anos, já fui tudo, sócio de gráfica, de distribuidora, de livraria, de editora, escrevo livros e sobre livros. E continuo leitor insaciável. Sendo assim, fica para uma próxima coluna.

Encerro com um apelo: não deixe de prestigiar a Feira. Vá até lá. Percorra os estandes, folheie, converse, discuta. E se possível, compre. ■

025: Uma miscelânea de publicações de arte

MIGUEL, Salim. Uma miscelânea de publicações de arte. *Gazeta Mercantil*, 18 de set. de 1998, p. D-6. Crônica

Uma miscelânea de publicações de arte

Salim Miguel

A cada dia, novos periódicos dedicados à área da cultura vão sendo jogados no mercado. Isto é positivo e, também, negativo. Antes que me contestem, esclareço: claro que num País da extensão territorial do Brasil há necessidade de se ampliar a difusão da cultura. Se não fosse por outro motivo, para sair-se da eterna dominação do eixo Rio-São Paulo. É mostrar que nas mais distantes regiões do País existe gente de valor produzindo, lutando.

Onde, então, o "negativo"? É que, com um público restrito e a crescente dificuldade na distribuição, a vida de boa parcela dos periódicos da área cultural é curta. Sendo muito numerosas, mais curta ainda. Faz pouco, nesse mesmo espaço, (edição de 24 de julho - Poesia? Sempre!), eu falava da revista *Blau*, de Porto Alegre, que se sustenta graças à teimosia de seu editor; o contista Walmor Santos; ele anunciava que, além de reduzir a tiragem (de 25 para 15 mil), estava, diante das crescentes dificuldades e da falta de apoio, vendo-se quase obrigado a suspender a publicação. É bom insistir que muitos destes órgãos são um canal aberto onde se ensaiam criadores em todos os campos do saber. E quantos novos ou menos novos têm outro canal por onde possam extravasar, publicar e, assim, conseguir, quem sabe, mais adiante, uma editora que se interesse pelo que estão criando?

Nesta miscelânea vou falar, sucintamente, de mais algumas publicações, quer elas venham se mantendo há muitos anos (Correio das Artes, de João Pessoa, por exemplo), ou recém lançadas, (Inter Poesia, do Rio, que acaba de publicar seu primeiro número). Quantas mais devem existir por esses brasis! Quem sabe, outra hora, falarei delas, sobreviventes, todos de órgãos de cultura dos estados:

1 - Suplemento Literário, de Mi-

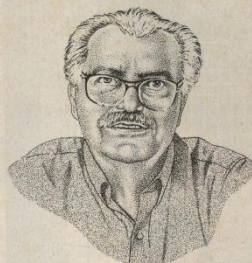
nas Gerais. Criado por Murilo Rubião, atravessou (em 30 anos) várias fases; mantém sua proposta inovadora, inclusive na atenção à parte visual. Hoje editado por Carlos Ávila, projeto gráfico de Guilherme Mansur, no número 40 presta homenagem a Cruz e Sousa;

2 - O Galo, do Rio Grande do Norte, já no ano 10, tendo como editor Nelson Patriota, abrindo-se para colaboração de outras regiões, embora, o que nos parece correto, no incentivo à cultura regional, reserve substancial espaço para os valores da terra, confirmando-os ou revelando-os;

3 - O Catarina, de Santa Catarina, editora Ida Stigger, sub-editora Simone Bobsin. Neste ano, parte de suas páginas vem sendo preenchidas com matérias que tratam do transcurso dos 100 anos da morte de Cruz e Sousa;

4 - Correio das Artes, da Paraíba, editado por Cláudio Limeira. É, certamente, o mais resistente de todos, publicado desde maio de 1949, tendo como fundador o poeta Edson Régis. Vem se renovando a cada número.

5 - Outra publicação, pioneira, da área oficial, merece ser citada. É DF-Letras, da Câmara Legislativa do Distrito Federal, já em seu quinto ano, agora editada por Chico Nóbrega. Com ampla e variada co-



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

laboração, ao que me consta é a única do gênero no País. Bem que assembleias legislativas e câmaras municipais de outros estados poderiam seguir o exemplo.

6 - Literatura, revista do escritor brasileiro, é também de Brasília - e está no número 14, tendo como diretor Nilton Maciel e editor João Carlos Taveira. O bom ni-

vel dos textos e a diversidade de matérias (poesia, conto, crônica, resenhas, depoimentos, entrevistas, noticiário geral) faz dela uma publicação de grande interesse para todos. E da mesma forma que tantas outras, Literatura presta, neste número, homenagem a Cruz e Sousa.

7 - Revista de Cultura da Bahia, editada pelo contista Valdomiro Santana. Com este substancial número, a revista entra em nova fase. É outra que poderia ser imitada: a publicação é do Conselho Estadual de Cultura.

8 - Inter Poesia, do Rio de Janeiro, tem como editor Emanuel Brasil. Está em seu primeiro número (maio 1998), mas já diz ao que veio. Bem produzida, matérias selecionadas com critério, afirma, no editorial, que quer "intermediar a circulação do pensamento e da produção estética" e que é este seu desafio. E se bem aberta para as demais manifestações culturais, liga-se mais à poesia, o que vem explicitado no

próprio título.

9 - Caliban, também do Rio de Janeiro, embora grande parte de sua equipe seja mais ligada ao Nordeste, Pernambuco em especial. Compõe seu Conselho de Direção: Cláudio Aguiar, Majela Colares e Mécia Salsa. É, sem dúvida, a mais ambiciosa e abrangente de todas. Com um amplo Conselho Editorial, a proposta da revista pode ser percebida pelo editorial, no sumário e na diversidade de seus colaboradores, nacionais e estrangeiros, que vão de um Nelson Werneck Sodré a um Curt Meyer Clason, dos novos poetas cubanos a uma Suzana Vargas, de um Fábio Lucas a um Miguel Sanches Neto, para ficarmos em poucos nomes. Aqui, também, o especialista Ivan Teixeira fala de Cruz e Sousa e Cláudio Aguiar dos 100 anos de nascimento de Lorca.

Não só de publicações vive (ou devo dizer luta para sobreviver) a cultura brasileira. Quero encerrar esta conversa semanal com duas referências: uma à posse do professor, médico, escritor Polydoro Ernani de São Thiago na Academia Catarinense de Letras; e a inauguração, pelo incansável Gilberto Gerlach, do seu cinema, o Bar Cine York, em São José. Será que todos os que frequentam o cine NS do Desterro, no CIC, Florianópolis, e agora, certamente, irão frequentar o de São José, têm consciência da importância fundamental do Gilberto para a nossa cultura cinematográfica? Com garra incomum ele se mantém na luta por um cinema que vá além da mediocridade que nos exibem os raros cinemas convencionais. Bem raros, pois a maioria foi desativada ou adquirida pelas igrejas evangélicas. Não satisfeito em manter a chama acesa, Gilberto nos brinda, também, com trabalhos ilustrativos do Rodrigo de Haro, tendo como tema, claro, a sétima arte. É outro bom motivo para se ir ao Bar Cine York. Vamos?

026: O MASC é cinqüentão

MIGUEL, Salim. O MASC é cinqüentão. *Gazeta Mercantil*, 25 de set. de 1998, p. D-8. Crônica.

O MASC é cinqüentão

Museu completa 50 anos em 1999, mas seu processo de gestação começou em 1948

Salim Miguel

No próximo ano (1999) transcorre o cinqüentenário de criação do MASC. É data altamente significativa pelo que representou como virada num setor que quase inexistia. (Bom resgatar o nome de Martinho de Haro, nosso principal pintor, que praticamente vivia esquecido). No entanto, torna-se oportuno lembrar que a gestação do museu começou um ano antes, em 1948.

Vamos aos fatos.

Mal aparecera a revista *Sul*, chega uma carta do Rio de Janeiro. Do catarinense, professor, arquiteto, crítico de artes e, mais tarde, da equipe do Oscar Niemeyer, Flávio de Aquino, para o Aníbal Nunes Pires, um dos fundadores do Círculo de Arte Moderna, que se tornaria conhecido como Grupo Sul.

Depois de se referir à revista e a impressão favorável que lhe causara, Flávio dizia que o escritor Marques Rebelo também ficara impressionado com a proposta de renovação dos jovens. E propunha-se trazer uma Exposição de Arte Contemporânea, seguida de palestras, para Florianópolis. Vale registrar que Jorge Lacerda, editor do *Letras e Artes*, mais importante suplemento cultural do Rio, Alcídio Mafra de Souza, professor e crítico de arte, o escritor Moacir Fernandes e pintor José Silveira D'Ávila também estavam envolvidos nas tratativas.

A resposta foi imediata: sim, queriam e muito, pediam esclarecimentos. A carta seguinte já foi do próprio Rebelo. E logo, para espanto das gentes, admiração de uns quantos e

indignação de outros, a exposição era inaugurada no pátio do então G.E. Dias Velho, rua Saldanha Marinho, esquina com Victor Meirelles.

A primeira notícia a respeito da possível exposição surgiu na *Sul* nº 3. Perguntava: "Marques Rebelo em Florianópolis?" Notinha sucinta, informava da possibilidade da vinda, com uma exposição de arte contemporânea, a convite do Secretário da Educação, dr. Armando Simone Pereira. Texto neutro, como se o pessoal do CAMSUL nada tivesse a ver com a história.

A seguinte, na *Sul* nº 5, não mais em forma de pergunta, porém afirmativa, a partir do título, que dizia: "Marques Rebelo em Florianópolis", esclarecendo: "agora podemos afirmar, com certeza, a vinda de Marques Rebelo à nossa capital." Para acrescentar: "traria pintores sobre os quais muito falamos, mas de cujas obras só conhecemos reproduções, Portinari, Pancetti, Segall, Santa Rosa, etc." Neste "etc" estavam dezenas de outros.

E no nº 6, dezembro de 1948, ampla reportagem ilustrada, com a relação dos trabalhos expostos. Além dos brasileiros, reproduções do alemão Kubin, argentino Pettoruti, austríaco Leskoeschek, espanhol Gomes de la Serna, franceses Lurçat, Derain, Dufy, Leger, português Joaquim Tenreiro, russo Zadkine, tcheco Jan Zach, num total de 74 quadros, entre eles uma "contribuição infantil" de José Maria, filho do Rebelo, hoje nome expressivo da moderna pintura brasileira. Da mesma forma, pouco depois, quando de exposição idêntica em Belo Horizon-



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

te, outra contribuição infantil lá estava, do nosso Rodrigo de Haro, agora importante pintor e poeta. Por aí se vê o faro do Rebelo...

Aberta em 25 de setembro, a exposição encerrou-se em 6 de outubro. Nos dias 28, 29 e 30 foram proferidas palestras, instigantes e provocativas para o meio tão acanhado, seguidas de acalorados debates e longos papos que varavam a noite; Rebelo incansável ouvindo os jovens a questioná-lo. Uma frase se tornou comum, sempre repetida: "eta velhinho legal!" Ele nem atin-gira os 40 anos, mas já era "matu-salêmico" para os jovens mal chegados aos 20.

Escaldado por outras viagens, sabedor da precariedade da hotelaria, só fez uma exigência, e foi atendido: hospedou-se no casarão da Dona Ceci, mãe do Hamilton Ferreira.

Como resultado imediato da exposição, surgiu um pequeno museu, sob a direção de Martinho de Haro.

E o acervo inicial logo foi ampliado. Marques Rebelo conseguiu, com o governador de São Paulo, Ademar de Barros, doação de quadros dos principais pintores paulistas.

A partir daí, o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, (o primeiro a ser oficializado no País), que mais adiante (1970) passou a se chamar Museu de Arte de Santa Catarina, teve uma trajetória acidentada, hospedou-se em espaços inadequados, os diretores Martinho de Haro, Sálvio de Oliveira, João Evangelista, Carlos Humberto Correia, Aldo Nunes, Edson Machado, José Silveira D'Ávila, Humberto Tomasini, Harry Laus, Hugo Mund Jr., Maria Teresa Collares, lutaram por preservá-lo e ampliá-lo.

Hoje, no CIC, possui um acervo de mais de 1200 peças, é reconhecido nacional e internacionalmente. Mas aí a história é outra, como diria Kipling. Esperamos, será devidamente relatada na programação do próximo ano, que vinha sendo preparada, com carinho, por Maria Teresa Collares e sua pequena equipe.

Art of Latin America

Acabo de receber dos EUA uma belíssima publicação - o calendário 1999 *Art of Latin America*, da editora *Avalanche Publishing*, da Califórnia. Para minha alegria, o calendário é aberto com uma reprodução de Vila no Morro, da catarinense Eli Heil. A publicação traz obras de diversos artistas, uma para cada mês, e cerca de 70% dos autores são mexicanos. Rivera, Orozco e Frida Khalo também têm suas obras reproduzidas.

027: Os melhores, vale reler (1)

MIGUEL, Salim. Os melhores, vale reler (1). *Gazeta Mercantil*, 2 de out. de 1998, p. D-6. Crônica.

Os melhores, vale reler (1)

Existem obras básicas que "todo mundo" ou, pelo menos, todo homem culto deve ter lido

Salim Miguel

Motivado pelo Hamilton Alves, que me pede um texto a respeito de qual considero o melhor filme de todos os tempos, tenho, de imediato, duas reações: 1- respondo que me é muito difícil escolher o filme. Teria que me situar em períodos e ir fazendo opções. Hamilton diz que posso indicar alguns e, depois, me deter mais demoradamente no um. Tudo bem - retruco; 2- não demora, num processo mental comum às pessoas idosas, recuo. Estou na década de 50, mais exato em 1958. Acabo de receber o BBB - Boletim Bibliográfico Brasileiro, que tem como principal editor o escritor e amigo Hélio Pólvora. E ali encontro, do Oito Maria Carpeaux, transcrito da revista Preto & Branco, maio\1951, a relação das 100 Obras Básicas para Rer.

Carpeaux, de cultura enciclopédica, começa justificando: "existem listas de 100 ou 500 ou 1000 Obras Básicas, que 'todo mundo', ou pelo menos todo homem culto deve ter lido". Ao esclarecer o critério adotado, adiciona: "No entanto, não faço a mínima tentativa de negar que em qualquer seleção assim entra algo do gosto pessoal do selecionador." E ao concluir: "exclui-se da lista, sistematicamente, a literatura nacional." Para logo fazer uma ressalva: "contudo, reservou-se o centésimo lugar para Machado de Assis."

Não demorou estava eu no Rio de Janeiro. E fui, como sempre, visitar Marques Rebelo. Nossa conversa



Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de fim de semana neste espaço

centrava-se em Florianópolis, uma das paixões do Rebelo desde que conheceu a cidade em 1948, tendo retornado várias vezes; e em livros, paixão de nós ambos. Falei-lhe da relação do Carpeaux. Rebelo também a tinha lido. Concordava com boa parte, discordava de outra - o que nos pareceu normal, já que o próprio selecionador a isto se referia.

Ao me despedir, Rebelo disse que ia preparar e me mandaria sua relação. Minha dúvida de agora é se a sugestão para que Rebelo fizesse a sua dos 100 mais foi minha, ou ele mesmo se dispôs a fazê-la.

Penso, para o nosso caso, em uma relação em três partes assim dividida: a primeira, literatura dos outros países; a segunda, literatura brasileira; a terceira, restrita a Santa Catarina, digamos os dez (ou 15 ou 20, sei lá) melhores títulos, na área da criação. No total, uns 60 títulos.

Os 100 do Carpeaux

1- Austen, Jane - *Orgulho e Preconceito*; 2 - Balzac, Honore de - *A prima Bette*; 3 - Balzac, Honore - *O pai Goriot*; 4 - Baudelaire, Charles - *As flores do mal*; 5 - Blok, Alexandr - *Os doze*; 6 - Calderon, Pedro - *A vida é sonho*; 7 - Camões, Luis de - *Rimas*; 8 - Cervantes, Miguel - *Dom Quixote*; 9 - Cervantes, Miguel - *Novelas Exemplares*; 10 - Chaucer, Geoffrey - *Contos de Canterbury*; 11 - Coleridge, Samuel T. - *Poesia*; 12 - Conrad, Joseph - *Uma oportunidade*; 13 - Conrad, Joseph - *Coração nas trevas*; 14 - Dante - *Divina Comédia*; 15 - Dickens, Charles - *Casa Soturna*; 16 - Donne, John - *Poesias*; 17 - Dostoevski, Fedor - *Crime e castigo*; 18 - Dostoevski - *O idiota*; 19 - Dostoevski - *Os irmãos Karamazov*; 20 - Dostoevski - *Os possesos*; 21 - Esquilo - *Oréstia*; 22 - Flaubert, Gustave - *Madame Bovary*; 23 - Flaubert, Gustave - *Madame Bovary*; 24 - Goethe, Johan Wolfgang - *Fausto*; 25 - Goethe, Johan Wolfgang - *Poesias Completas*; 26 - Gogol, Nicolai - *Almas Mortas*; 27 - Gogol, Nicolai - *O inspetor Gerat*; 28 - Gontcharov, Ivan - *Obolomov*; 29 - Hardy, Thomas - *Tess of the d'Urbervilles*; 30 - Hawthorne, Nathaniel - *A letra escarlate*; 31 - Holderlin, Friedrich - *Poesias*; 32 - Homero - *Ilíada*; 33 - Homero - *Odisseia*; 34 - Horácio, Quinto - *Odes*; 35 - Ibsen, Henrik - *Brand*; 36 - Ibsen, Henrik - *O pato selvagem*; 37 - Ibsen, Henrik - *Peer Gynt*; 38 - Jacobsen, Jens Peter - *Niels Lhyne*; 39 - James, Henry - *Os embaixadores*; 40 - Joyce, James - *Ulisses*; 41 - Kafka, Franz - *O processo*; 42 - Keats, John - *Poesias*; 43 - La Fontaine, Jean de - *Fábulas*; 44 - Leopardi, Giacomo - *Cantos*; 45 - Obri-nhas morais; 46 - Machiavelli, Niccolò - *Mandragora*; 47 - Manzoni, Alessandro - *Os noivos*; 48 - Milton, John - *Poesias Líricas*; 49 - Moliere, Jean Baptiste - *Misantropo*; 50 - Moliere, Jean Baptiste - *Tartufo*; 51 - Montaigne, Michel de - *Ensaio*; 52 - Pascal, Blaise - *Pensamentos*; 53 - Peres Gal-

dos, Benito - *Fortunata e Jacinta*; 54 - Pessoa, Fernando - *Poesias*; 55 - Platão - *O banquete*; 56 - Proust, Marcel - *Em busca do tempo perdido*; 57 - Puchkin, Alexandr - *Eugenie Onegin*; 58 - Racine, Jean - *Andromaca*; 59 - Racine, Jean - *Atalia*; 60 - Racine, Jean - *Britânico*; 61 - Racine, Jean - *Fedra*; 62 - Rilke, Rainer Maria - *Elegias de Duino*; 63 - Rilke, Rainer Maria - *Novos poemas*; 64 - Rimbaud, Arthur - *As iluminações*; 65 - Rojas, Fernando de - *A Celestina*; 66 - Saint-Simon, Duc de - *Memórias*; 67 - Shakespeare, William - *Antonio e Cleopatra*; 68 - Shakespeare - *Como quiserdes*; 69 - Shakespeare - *Conto de inverno*; 70 - Shakespeare - *Hamlet*; 71 - Shakespeare - *Henrique IV*; 72 - Shakespeare - *Macbeth*; 73 - Shakespeare - *Medida por medida*; 74 - Shakespeare - *O mercador de Veneza*; 75 - Shakespeare - *Noite de reis*; 76 - Shakespeare - *Otelo*; 77 - Shakespeare - *Rei Lear*; 78 - Shakespeare - *Romeu e Julieta*; 79 - Shakespeare - *Sonho de uma noite de verão*; 80 - Shakespeare - *A tempestade*; 81 - Sófocles - *Antígona*; 82 - Sófocles - *Rei Edipo*; 83 - Stendhal, Henry Beyle - *A cartuxa de Parma*; 84 - Strindberg - *Senhorita Júlia*; 85 - Strindberg - *Para Damasco*; 86 - Swift, Jonathan - *Viagens de Gulliver*; 87 - Tâcito, Cornélio - *Anais*; 88 - Tchecov, Anton - *Contos semicoloridos*; 89 - Tolstoi, Lev - *Ana Karenina*; 90 - Tolstoi, Lev - *Morte de Ivan Ilitich*; 91 - Tucídides - *História da guerra pelo península*; 92 - Tucídides - *Os enacantos*; 93 - Valéry, Paul - *Os enacantos*; 94 - Verga, Giovanni - *Os Malavoglia*; 95 - Villon, François - *O grande testamento*; 96 - Virgílio, Públio - *Georgicas*; 97 - Voltaire, F.M. Arouet de - *Cândido*; 98 - Years, William Butler - *Poesias*; 99 - Zola, Emile - *Germinál*. O centésimo é do nosso Machado de Assis.

Os 100 melhores do Marques Rebelo ficam para a próxima coluna.

028: Os melhores, vale reler (2)

MIGUEL, Salim. Os melhores, vale reler (2). *Gazeta Mercantil*, 9 de out. de 1998, p. D-6. Crônica.

Os melhores, vale reler ⁽²⁾

O gosto pessoal de Otto Maria Carpeaux e Marques Rebelo transparece nas suas relações de 100 obras básicas

Salim Miguel *

Terminava eu a coluna anterior com uma dúvida: será que hoje, com novos títulos no mercado, Otto Maria Carpeaux e Marques Rebelo manteriam intocadas suas relações das 100 obras básicas para reler? Ou, quase certo, mexeriam nelas? Transfiro a dúvida ao leitor.

Não demorou muito recebi os 100 do Rebelo. Perfeccionista, diferentemente da de Carpeaux, a relação é por países. Ei-la:

Portugal: 1- Menina e moça, de Bernardin Ribeiro; 2- Carta de guia dos casados, de Francisco Manuel de Melo; 3- Os sermões, do Padre Antonio Vieira; 4- Viagens na minha terra, de Almeida Garrett; 5- Lendas e narrativas, de Alexandre Herculano; 6 a 9- Novelas do minho, A brasileira de prazins e Euzébio Macário e A corja, de Camilo Castelo Branco; 10 e 11- A ilustre casa de Ramires e Últimas páginas, de Eça de Queirós; 12 - Contos, de Fialho de Almeida; 13- Davam grandes passeios aos domingos, de José Régio; 14- Há mau tempo no canal, de Victorino Nemésio; 15- Terras do demo, de Aquilino Ribeiro;

Brasil: 16- Memórias de um sargento de milícias, de Manuel A. de Almeida; 17- O Ateneu, de Raul Pompéia; 18 a 22- Memórias Póstumas de Braz Cubá, Quincas Borba, Dom Casmurro, Histórias sem data e Várias histórias, de Machado de Assis; 23- Memórias do escrivo Isaias Caminha, de Lima Barreto; 24- Memórias sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade; 25-

- Fronteira, de Cornélio Penna; 26- O coronel e o lobisomem, de José Candido de Carvalho

Argentina: 27 - Facundo Quiroga, de Domingos Sarmiento; 28- Recuerdos de Provincia, idem; 29- Dom Segundo Sombra, de Ricardo Güiraldes

Estados Unidos: 30- Contos californianos, de Bret Harte; 31- A volta do parafuso, de Henry James; 32 e 33- Jennie Gerhardt e Sister Carrie, de Theodore Dreiser; 34- Minha Antonia, de Villa Cather; 35- O estandarte rubro da coragem, de Stephen Crane; 36- U.S.A., de John dos Passos; 37- Babbitt, de Sinclair Lewis; 38- O grande Gatsby e (39) Suave é a noite, de F. Scott Fitzgerald; 40- O outro lado do paraíso, idem; 41 - A ponte de São Luis rei, de Thornton Wilder; 42- O oitavo dia, idem; 43- A sangue frio, de Truman Capote; 44 - Winesburg Ohio, de Sherwood Anderson

Inglaterra: 45- Tom Jones, de Henry Fielding; 46 - Viagem sentimental e (47) Tristan Shandy, de Sterne; 48- Adam Bede, de George Eliot; 49- O morro dos ventos uivantes, de Emile Bronte; 50- Aventuras de Pickwick, de Charles Dickens; 51- Judas, o obscuro, de Thomas Hardy; 52 -Dublinenses, de James Joyce; 53- Amantes e filhos, de D.H. Lawrence; 54- Fortes Saga, de John Galsworthy; 55- Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf; 56- Quarteto de Alexandria, de Lawrence Durrell; 57- Lord Jim, de Joseph Conrad; 58- O livro da selva, de Rudyard Kipling

Alemanha: 59- Werther, de Goethe; 60 - O processo, de Kafka; 61-

Nada de novo na frente ocidental, de Erich Maria Remarque; 62- A morte em Veneza e (63) A montanha mágica, de Thomas Mann

Finlândia: 64 - Santa Miséria, de Silanpaa

Dinamarca: 65- Nils Lyhne, de J.P. Jacobsen; 66- O urso polar, de Pontopidan

Espanha: 67 -Dom Quixote, de Cervantes; 68- A colmeia, de José Camilo Cela

Itália: 69- O falecido Matias Pascal, de Luigi Pirandello; 70- Os Noivos, de Manzoni; 71- O coração, de De Amicis

Rússia: 72 e 73 - Ana Karenina e A morte de Ivan Ilitch, de Leon Tolstói; 74- Pais e Filhos, de Turguenev; 75- Crime e castigo, de Fedor Dostoiévski; 76- A estepe, de Tchecov

Áustria: 77- A ronda, de Artur Schintzler

Noruega: 78- Vitória, de Knut Hamsun

França: 79- O ingênuo, de Voltaire; 80 -Meu tio Benjamim, de Claude Tillier; 81-Manon Lescaut, de Abade Prevost; 82- As ligações Perigosas, de C. de Laclos; 83- O vermelho e o negro, de Stendhal; 84 e 85- Madame Bovary e Educação sentimental, de Gustave Flaubert; 86 e 87- Eugenia Grandet e O Tio Goriot, de Honore de Balzac; 88- Viagem à volta de meu quarto, de Xavier de Maistre; 89- A revolta dos anjos, de Anatole France; 90- Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust; 91- Os Thibault, de Roger Martin du Gard; 92- Poil de Carotte, de Jules Renard; 93- Os moedeiros falsos, de Andre Gide; 94-

Bubu de Montparnasse, de Charles Louis Philippe; 95- O grande Meaulnes, de Alain Fournier; 96- Les Jeunes Filles, de H. de Montherland; 97- O fogo, de Henry Barbusse; 98- As cruzeiras de madeira, de Roland Dorgeles; 99- Le diable au corp, de Raymond Radiguet; 100- Morte, onde está tua vitória?, de Daniel Rops.

Eis aí. São 200 títulos. Não! Menos, pois muitos se encontram em ambas as relações. Será que todos eles, ainda hoje, se sustentam? Alguns são inquestionáveis. Já outros... E existem surpresas. Por exemplo: Carpeaux não indica nenhum título de Thomas Mann. Rebelo nem um único Shakespeare. E sendo uma relação da década de 50, ambos esquecem cita Faulkner. Estranho! Muito embora a estranheza que nos possam causar as duas relações, creio que a melhor justificativa está nas palavras do autor da História da Literatura Ocidental, quando diz que há, embutido, um componente de gosto pessoal, para além da qualidade do texto.

Por outro lado, será que alguém, ainda hoje, se lembraria de Daniel Rops, o número 100 do Marques Rebelo? Ou os tantos Racine (quatro), do Carpeaux? Quem sabe... Em troca, quantos hispano-americanos teriam, seguramente, vez. Por tudo isto, penso que seria de interesse saber qual a seleção da nossa intelectualidade. Vamos a ela? ■

* Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

029: Os melhores, vale reler (final)

MIGUEL, Salim. Os melhores, vale reler (final). *Gazeta Mercantil*, 16 de out. de 1998, p. D-6. Crônica.

Os melhores, vale reler (final)

Salim Miguel*

Fim de século (no caso também de milênio) é ocasião para se fazer balanço. Aliás, na verdade, desnecessária data tão extensa. Basta um ano, um decênio, qualquer data redonda - e lá estamos, todos nós, avaliando o que foi feito, e fazendo planos e projeções para o futuro, se algo permanecerá para o amanhã, pois a mais confiável triagem é, ainda, a do tempo. No caso presente, vou ouvir nossos intelectuais, colher depoimentos, que, mais adiante, examinados, poderão confirmar ou não a validade das avaliações.

Nas duas colunas anteriores, transcrevi as relações dos cem títulos mais significativos (elaborados na década de 50), do Carpeaux e do Rebelo. E perguntava se, hoje, eles confirmariam a relação.

Volto a insistir: toda seleção é válida e questionável. Eis outras: a de Harold Bloom, em seu volumoso O Cânone Ocidental. Fico na parte referente ao Brasil. Só aparece, e simplesmente citado, o nome Drummond. É incompreensível que obra tão abrangente ignore Machado de Assis, reconhecido como um dos escritores mais importantes do século passado, hoje publicado e estudado em quase todo o mundo, especialmente os Estados Unidos. Também outros deveriam ter espaço: Euclides da Cunha, Cruz e Sousa, Graciliano Ramos, Gilberto Freire, Guimarães

Pesquisa com os intelectuais vai determinar os 80 romances mais importantes do século

Rosa, Antônio Cândido, Mário de Andrade. O que não seria nenhum favor, mas justiça.

Outro exemplo. Há pouco, um jornal transcreveu relação dos 100 melhores romances de língua inglesa, deste século, feito por um jornal dos EUA, consultados vários especialistas. Tudo bem, tinham todo o direito de selecionar apenas escritores de língua inglesa. Mas será que Doris Lessing não escreve em língua inglesa? E Nadine Gordimer? Nada existe delas na relação. Como lá não está Morte em Família, do James Agee; O Grande Ditador, de H. G. Wells; A Sangue Frio, de Truman Capote, (criou um novo gênero, o romance-reportagem); A Náu dos Insensatos, de Katherine An Porter; um de Raymond Chandler, já que se encontram dois romancistas policiais, Dashiell Hammett e James M. Cain; de Thornton Wilder, além de A Ponte de São Luis Rey, outro, O Oitavo Dia, deveria ser incluído, pois na seleção vê-se escritores (Scott Fitzgerald, por exemplo), com até quatro títulos.

Uma curiosidade (agradável e instigante) é encontrar, no número 12, julho-1998, da revista Cult, a seleção dos 25 maiores romances, na opinião de mestre Antonio Cândido, feita a

pedido de José de Souza Pinto, da Livraria Informática. O estranho é que Cândido indicou apenas 21. Pela importância fundamental do autor para a cultura brasileira, tomo a liberdade de transcrever a relação: A demanda do Santo Graal (?); Tom Jones, de Fielding; Ilusões Perdidas, de Balzac; A Cartuxa de Parma, de Stendhal; Madame Bovary, de Flaubert; Grandes Esperanças, de Dickens; Guerra e Paz, de Tolstói; Os demônios, de Dostoiévski; Os Malavoglia, de Verga; Os Maias, de Eça de Queirós; Quincas Borba, de Machado de Assis; Lord Jim, de Conrad; Em Busca do Tempo Perdido, de Proust; O processo, de Kafka; Memórias Sentimentais de João Miramar, de Osvald de Andrade; Macunaíma, de Mario de Andrade; São Bernardo, de Graciliano Ramos; Fogo Morto, de José Lins do Rego; Doutor Fausto, de Thomas Mann; O Deserto dos Tártaros, de Dino Buzzati; Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Para completar a lista dos 25, ele lembrou O Vermelho e o Negro, de Stendhal; Os Irmãos Karamazov, de Dostoiévski; A Ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queirós; Esaú e Jacó, de Machado de Assis. Quem desejar saber mais, recorra à revista. Contudo, um detalhe insólito: de Machado

de Assis, Antonio Cândido não indica, Memórias Póstumas de Bras Cubas nem Dom Casmurro, tradicionalmente os mais citados, optando por Quincas Borba e Esaú e Jacó. E não inclui Ulisses, de Joyce; nem qualquer Faulkner. Questão de gosto...

Há mais: acabam de sair os 50 romances brasileiros do século, selecionados por 8 escritores, em Manchete/RJ e os 100 em língua portuguesa, por 10 escritores, no caderno Prosa e Verso/O Globo/RJ. Bom confrontar as duas; boa parte dos nomes aparece em ambas; Grande Sertão: Veredas, do Guimarães Rosa, o mais votado; seguem-no, de perto, Mario de Andrade, Graciliano Ramos, Lima Barreto, Erico Veríssimo, José Lins do Rego. Surpresa a inclusão de Os Sertões, de Euclides da Cunha.

Diante disso, resolvi me utilizar da coluna, para uma pesquisa com nossos intelectuais. Linhas básicas: 1- 80 títulos; 2- 30 de autores estrangeiros; 3- 30 de autores em língua portuguesa (Brasil, Portugal, países africanos de fala portuguesa, Açores); 4- 20 de Santa Catarina; 5- só na área da criação literária; 6- apenas títulos publicados neste século; 7- apenas o título do livro e o nome do autor; 8- de preferência um título por autor, podendo-se aceitar dois; 9- os itens 2 e 3 serão publicados na coluna, dois depoentes por semana, com uma justificativa dos critérios adotados de até 5 linhas e uma informação básica, também de até 5 linhas, sobre o depoente; 10- a relação de Santa Catarina (item 4) será preservada e publicada somente no final da pesquisa, da seguinte maneira: uma comissão de três membros fará a tabulação, relacionando os 20 mais votados. Paralelamente será divulgada a relação de todos os votantes; 11- para o caso de mais de um título do mesmo autor ser citado, será considerado aquele que tiver maior número de votos. Vamos a um exemplo: Holdemar Menezes. Digamos que sejam indicados quatro livros dele. Todos serão considerados para o cômputo geral, mas apenas um, o que tiver maior número de votos, aparecerá na relação dos 20. O organizador da pesquisa pensa publicá-la em livro, no segundo semestre de 1999. De cada título selecionado de autor catarinense será extraído um pequeno texto, extraído do volume. ■

*Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

030: Começa a seleção (1)

MIGUEL, Salim. Começa a seleção (1). *Gazeta Mercantil*, 23 de out. de 1998, p. D-6. Crônica.

Começa a seleção (1)

Salim Miguel*

Damos início à nossa pesquisa. Hoje será publicada uma relação dos romances mais importantes do século, na opinião de Silveira de Souza. Nas próximas semanas publicaremos a opinião de outros intelectuais. Por último, serão conhecidos os 20 catarinenses mais votados, com a nominata dos votantes.

Silveira de Souza. Contista, cronista, poeta. Participou do Grupo Sul; dirigiu, com Hugo Mund. Jr., a Edição dos Livros de Arte; dirigiu o setor de editoração da FCC. Entre seus livros: *O vigia e a cidade, de contos*; *O cavalo em chamas, contos*; *Canário de assobio, crônicas*. A ordem dos títulos é aleatória, tendo sido registrada ao sabor da lembrança. Buscaram-se os livros que, segundo quem os indicou, de algum modo se identificaram com o espírito deste século.

Literatura em Língua Estrangeira

1- Doutor Fausto -Thomas Mann
2- Ulisses -James Joyce

3- O som e a fúria -William Faulkner
4- A morte de Virgílio -Hermann Broch
5- O homem sem qualidades -Robert Musil
6- O processo -Franz Kafka
7- Contos -Franz Kafka
8- Contos -Jorge Luis Borges
9- Contos -Julio Cortazar
10- Pedro Paramo -Juan Rulfo
11- O jogo das contas de vidro -Hermann Hesse
12- A sombra do vulcão -Malcolm Lowry
13- Em busca do tempo perdido -Marcel Proust
14- Andersen, o rei da chuva -Saul Bellow
15- Passagem para a Índia -E.M. Forster
16- O coração das trevas -Joseph Conrad
17- Mrs.Dalloway -Virginia Woolf
18- Fogo pálido -Wladimir Nabokov
19- O século das luzes -Alejo Carpentier
20- Cem anos de solidão -Gabriel G. Marques

Intelectuais indicam os romances mais importantes do século

21- O deserto dos Tártaros -Dino Buzzati
22- Conversações na catedral -Mário V.Lloza
23- Poesia -Rainer Maria Rilke
24- Poesia -T.S. Eliot
25- Poesia -Pablo Neruda
26- Poesia -Cesar Vallejo
27- Poesia -Wallace Stevens
28- Teatro -F.Garcia Lorca
29- Teatro -Bertold Brecht
30- Teatro -Eugene O'Neil

Literatura em Língua Portuguesa

1- Angústia -Graciliano Ramos
2- São Bernardo -Graciliano Ramos
3- Grande sertão: veredas -Guimarães Rosa
4- Sagarana -Guimarães Rosa
5- Memorial do convento -José Saramago
6- Poesia -Fernando Pessoa
7- Contos -Miguel Torga
8- Triste fim de Policarpo Quaresma -L. Barreto
9- Macunaíma -Mário de Andrade
10- A menina morta -Cornélio Pena

11- Gabriela,cravo e canela -Jorge Amado
12- Memórias sentimentais de João Miramar -Oswald de Andrade
13- O tempo e o vento -Erico Verissimo
14- A pedra do reino -Ariano Suassuna
15- Sargento Getúlio -João Ubaldo Ribeiro
16- Quarup -Antônio Callado
17- Os ratos -Dionélio Machado
18- Avalovara -Osman Lins
19- Léguas de promessa -Adonias Filho
20- Contos -Clarice Lispector
21- Contos -Rubem Fonseca
22- Contos -Dalton Trevisan
23- Contos -Lygia Fagundes Telles
24- Invenção de Orfeu -Jorge de Lima
25- Poesia -Carlos Drummond de Andrade
26- Poesia -Manuel Bandeira
27- Poesia -João Cabral de Melo Neto
28- Obra Infantil -Monteiro Lobato
29- Teatro -Nelson Rodrigues
30- Teatro -Jorge Andrade ■

* Salim Miguel, escritor e jornalista, escreve sempre nas edições de final de semana neste espaço

Índice por ano

Ano	Título	Número
1998	Um enigma: Cruz e Machado	001
1998	De livros e livreiros	002
1998	Seqüelas de uma prisão	003
1998	Tércio da Gama: explosão de cores	004
1998	Nosso morto no Chile	005
1998	Três romances: aproximações	006
1998	Eu e as corruíras	007
1998	Biografia e voyeurismo	008
1998	Garcia e a paixão da literatura	009
1998	George, o primo de Washington	010
1998	Hoje, 100 anos de Garcia Lorca	011
1998	Os vários Senador Perpétuo	012
1998	Mais biografias; agora, três governadores	013
1998	As amêijoas do Houaiss	014
1998	A casa no ar e a SC-401	015
1998	Futebol e trapalhada	016
1998	Poesia? Sempre!	017
1998	Um fantasma renitente	018
1998	Um contista exemplar	019
1998	Resgate de uma obra	020
1998	O filho do Desterro	021
1998	Reedições necessárias	022
1998	Sérgio Carvalho, um herói	023
1998	Feira de Livro: um pouso fixo	024
1998	Uma miscelânea de publicações de arte	025

1998	O MASC é cinqüentão	026
1998	Os melhores, vale reler (1)	027
1998	Os melhores, vale reler (2)	028
1998	Os melhores, vale reler (final)	029
1998	Começa a seleção (1)	030